



5 *Gentleman Jack em 25 minutos¹ – a incrível história de Miss Lister!**

*(Gentleman Jack in 25 minutes –
the incredible story of Miss Lister!)*

*Recebido em:
08/10/2021
Aprovado em:
31/12/2021

Mônia Silvestrin**

1. *Eu posso ir a qualquer lugar em 25 minutos* – o título se refere à frase de Anne Lister que aparece algumas vezes na série e representa, literalmente, seu amor pelas caminhadas ao ar livre e, metaforicamente, o movimento constante de sua vida de busca de autonomia, independência e liberdade para que ela pudesse ser quem era.

**Mônia Luciana Silvestrin, doutoranda do Programa de História Social da Universidade de São Paulo, desenvolvendo pesquisa na área do patrimônio cultural, mestre em história econômica pela mesma Universidade (2003), especialista em gestão de políticas públicas pela ENAP (2013). Analista em C&T (CNPq). Email: <mailto:monia.silvestrin@gmail.com>. ORCID: 0000-0003-4123-1238.



Resumo: O artigo apresenta uma introdução ao mundo de Anne Lister, proprietária de terras inglesa lésbica que viveu no início do século XIX e registrou sua existência em diários metodicamente escritos durante toda sua vida, partir da série Gentleman Jack, produzida pela BBC/HBO, que estreou no Brasil em abril de 2019. Reunindo dados de seus diários, pesquisas acadêmicas, material produzido por fãdons e jornalistas, procura-se construir uma narrativa sobre a vida de Lister que articule informações biográficas com o processo de produção da série, sua recepção e impacto junto à comunidade LGBTQIA+. São realizadas, ainda, análises de diferentes aspectos de Gentleman Jack relevantes para a sua compreensão como produto de entretenimento, ao mesmo tempo em que se aborda as possibilidades de acerto de contas com certas dimensões do passado e com as formas de representação do amor lésbico tradicionais desse suporte. Entende-se que a construção da biografia de Lister em linguagem televisiva estabelece uma delicada e potente relação não só entre o ficcional e o real, mas sobretudo entre as diferentes temporalidades implicadas no modo como sua existência chega até nós, e na apropriação e elaboração de novos sentidos para os passados que elegemos como parte de nosso presente.

Palavras-chave: Anne Lister; LGBTQIA+; História das Mulheres; século XIX.

Abstract: The article presents an introduction to the world of Anne Lister, English lesbian landowner who lived in the early 19th century and recorded her existence in methodically written diaries throughout her life, starting from the series Gentleman Jack, produced by the BBC/HBO, which premiered in Brazil in April 2019. Gathering data from his diaries, academic research, material produced by fãdons and journalists, we seek to build a narrative about Lister's life that articulates biographical information with the series' production process, its reception and impact on the LGBTQIA+ community. Analyzes are also carried out of different aspects of Gentleman Jack relevant to its understanding as an entertainment product, while addressing the possibilities of settling accounts with certain dimensions of the past and with the forms of representation of traditional lesbian love that support. It is understood that the construction of Lister's biography in television language establishes a delicate and powerful relationship not only between the fictional and the real, but above all between the different temporalities involved in the way his existence reaches us, and in the appropriation and elaboration of new meanings for the past that we choose as part of our present.

Keywords: Anne Lister; LGBTQIA+; History of Women; 19th century.

1. Série realizada pela produtora Lookout Point para a BBC, em parceria com a HBO, criada por Sally Wainwright, que além de roteirista, também é produtora e uma das diretoras da trama. Com Suranne Jones e Sophie Rundle como protagonistas, estreou no Brasil e Estados Unidos em 22 de abril de 2019, pela HBO, e no Reino Unido em 21 de maio do mesmo ano, pela BBCONE, com uma temporada de oito capítulos. A gravação da segunda temporada, adiada em razão da pandemia da Covid19, foi finalizada recentemente e ainda não tem data de estreia definida.

2. Cabe mencionar a rapidez com que esse cenário vem se transformando atualmente. Uma busca rápida nos catálogos de diferentes plataformas de *streaming* permite

Rio de Janeiro, abril de 2019. Hospedada na casa de duas amigas, voltei à cidade para mais uma etapa da pesquisa do doutorado, em meio ao *frisson* da última temporada de *Game of Thrones*. Certo dia, no mesmo canal de *streaming*, deparei-me com o primeiro capítulo de uma série intitulada *Gentleman Jack*¹, que contava a vida de Anne Lister, uma lésbica proprietária de terras que viveu no início do século XIX, em Yorkshire, norte da Inglaterra. Embora tenha aumentado significativamente nos últimos anos, ainda não é comum encontrar narrativas sobre mulheres lésbicas na produção audiovisual hegemônica, mais ainda uma biografia, mesmo que ficcional, de uma pessoa praticamente desconhecida. O mais recorrente ainda são personagens secundárias, a ‘cota da diversidade’ em uma produção maior, personificada geralmente na tia ou prima excêntrica de toda família². E havia algo de desconcertante naquela figura de cartola e bengala, tão masculina, tão aparentemente fora do lugar em relação a uma produção de época oitocentista, ou seja, uma aparição quase anacrônica em relação ao nosso imaginário da Inglaterra pré-vitoriana, o que só evidencia o quanto estamos distantes, em nossas representações coletivas, da existência de mulheres lésbicas antes do século XX. Em certa medida, elas são para nós, tão exóticas quanto

o foram para seus contemporâneos.

Gosto de acompanhar produções audiovisuais que tenham relação com o mundo LGBTQIA+, seja pela simples fruição, seja para saber o que está circulando nesse universo ou pelos debates que essa produção artística suscita. Entendo, por outro lado, que elas têm o potencial de ir além da estetização das experiências e questões vividas por essa comunidade ou da luta por representatividade, ampliando as possibilidades daquilo que pode ser visto e dito, ajudando a conformar, do ponto de vista simbólico e prático, o horizonte de referências e expectativas do que pode ser uma existência não cisgênero e não heterossexual, independente da letra com a qual se identifique, provocando impactos concretos na vidas das pessoas.

A série, como produto de entretenimento, é muito bem feita: bom roteiro e direção, excelentes interpretações, figurinos, adereços e reconstituição histórica impecáveis, belas paisagens e fotografia, trilha sonora cuidadosa, ritmo, humor e drama na medida certa, nada deixando a desejar às melhores produções do gênero. Por fim, o encantamento com a personagem histórica, sua vida e seu legado documental, capaz de deixar qualquer historiadora da cultura e da vida cotidiana com a sensação de ter

visualizar o crescimento do número de séries e filmes que fogem desse padrão tradicional, apresentando, além de protagonistas LGBTQIA+, o cuidado de não os tratar como algo exótico, fora das dinâmicas ordinárias da vida.

3. Esse ‘encontrar’ possui dois sentidos: o de não ser tão comum, à época de Anne Lister, o hábito de escrita de diários como o seria no final do século, principalmente entre as elites e classes médias urbanas; e também o da sobrevivência desse material até o presente, haja vista ser recorrente a queima de diários após a morte de seus donos, por temor de que o caráter íntimo de seu conteúdo possa prejudicar a sua reputação ou de sua família.

4. *Remembering Stonewall: Anne Lister and the politics of queer*

descoberto um pequeno tesouro. Seus diários compõem um acervo incrível sobre sua época, com um nível de detalhamento, consistência e continuidade que ao menos até o final do século XIX não é fácil de se encontrar³, mais ainda tratando-se de uma pessoa comum, mulher, sem vida pública ou família rica, embora gozasse de algum prestígio local como parte da *gentry* inglesa, a elite rural empobrecida que, a medida em que a revolução industrial se tornava uma realidade concreta, via seu mundo se desfazer à frente de seus olhos.

Guiada por esse encantamento inicial, debruicei-me sobre publicações que tratavam de Anne Lister, acompanhei perfis de fãs da série no Instagram e Twitter, blogs e matérias jornalísticas sobre *Gentleman Jack*, entrevistas com pessoas envolvidas em sua produção. Quanto mais aprofundava a pesquisa, mais impressionada ficava por nunca ter ouvido falar dessa figura tão singular, sensação ampliada quando conversava com amigas lésbicas, feministas ou estudiosas de gênero, que também a desconheciam. Uma das razões para isso talvez seja o fato de ela não ter sido uma precursora da luta por direitos das mulheres, como lembra a historiadora Anne Clark⁴, em reportagem na qual faz um contraponto entre o que foi sua vida e seu tempo, e a apropriação

contemporânea de sua existência pelos movimentos LGBTQIA+ ingleses, com sua transformação na primeira lésbica moderna do Ocidente⁵.

Nesse artigo, em vinte e cinco pequenos textos, procuro construir um painel de questões relacionadas à vida de Anne Lister e ao impacto da sua existência na contemporaneidade, na qual, os amores passados reencontram sua materialidade e significância na vida concreta de tantas mulheres que amam outras mulheres. Não pretendo tratar deste tema de modo exaustivo, nem tampouco abordar os debates candentes nos estudos de gênero ou sexualidade, pois não participo deles diretamente. Trata-se de uma introdução ao universo de Lister e das possibilidades que ele oferece no que se refere a pensar o amor e a sexualidade no campo da produção audiovisual e cultural contemporâneas. Gostaria de esclarecer, ainda, que embora seus diários estejam disponíveis na internet, não faço uso deles diretamente, pois exigem um trabalho intenso de tradução, não só por se tratar de inglês do início do século XIX, mas também em razão do estilo da autora, que faz uso de muitas abreviaturas, pouca pontuação e, em parte do material, escreve em código, que ela chamava de *mão de cripta* em oposição à *mão livre*⁶, escrita cursiva tradicional.



commemoration, 23 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.historyworkshop.org.uk/anne-lister-and-the-politics-of-queer-commemoration/>. Acesso em: 18 set. 2021.

5. Não sabemos quando Anne Lister começou a ser nominada como a ‘primeira lésbica moderna’, mas, considerando que os primeiros livros sobre ela foram lançados no final dos anos 80 e que circularam basicamente entre estudiosos e membros da comunidade, possivelmente o que deu maior amplitude à sua história, antes de *Gentleman Jack*, foi o filme sobre sua vida feito pela BBC em 2010 – *The Secret Diaries of Miss Anne Lister*, de James Kent; e a inclusão do seu acervo no Programa Memória do Mundo, da UNESCO, em 2011.

6. Cerca de 1/6 do con-

Utilizei, portanto, livros já publicados em inglês e espanhol aos quais tive acesso⁷, que possuem muitos trechos de seus diários. Fiz uso também de alguns artigos acadêmicos e de excertos dos diários traduzidos pelos *code brakers* voluntários organizados pelo *West Yorkshire Archives Service* – WYAS, instituição responsável pela guarda e preservação dos diários e demais documentos relacionados a Anne Lister⁸, no distrito de Calderdale, West Yorkshire. Especialmente em relação à série e sua recepção, me utilizo também de reportagens de revista, jornal e entrevistas televisionadas, assim como de perfis de fãs em redes sociais.

Por fim, cabe mencionar o quão difícil é falar da série televisiva sem tratar da Anne Lister histórica. Faço um esforço para atomizar o tema e considerar cada parte em seu lugar, mas em muitos momentos elas caminham juntas, personagem histórico e personagem de ficção, pois um acabou se constituindo pelo outro: se os diários – a parte da vida de Lister que temos em mãos – permitiram a construção da série, foi esta que deu ao mundo o ar de sua graça. E o fez com uma precisão e um cuidado memoráveis, como veremos adiante.

1 – “Eu tinha sido um Ícaro. Voei perto demais do sol e agora caí na terra, em Shibden, na velha e decadente Shibden, e minha família decadente.”⁹

Gentleman Jack tem início com a volta de Anne Lister à Halifax e à Shibden Hall, seu lar ancestral, aos 41 anos, depois de uma longa viagem e de uma estadia no litoral, em Hastings, em companhia de Vere Hobart, que se tornara sua mais recente desilusão amorosa. Tal como Ícaro, ela teve as asas queimadas mais uma vez, desabando sobre sua terra natal, que considerava antiquada e provinciana, muito aquém daquilo que ela entendia como ideal para sua vida. Suas aspirações de realizar um bom casamento e passar a uma vida estável, como era desejo de todo *gentleman* à época, foram novamente frustradas, pois sua pretendente havia aceitado o pedido de casamento com um graduado membro do exército. Mais do que uma desilusão, o episódio reabria as feridas antigas da sua relação com Mariana Lawton, nascida Belcombe, que também a abandonara por um casamento tradicional, trazendo de volta o temor de não ter com quem compartilhar a existência, algo que ela almejava tanto quanto a estabilidade financeira.

A primeira temporada da série cobre dois anos de

teúdo dos diários são escritos em código criptografado criado em conjunto com Eliza Rainer e aperfeiçoado por ela para manter em segredo experiências e reflexões que considerava que poderiam expô-la ou causar danos de alguma forma, caso caíssem em mãos de terceiros. Tudo o que se relacionava às suas experiências sentimentais, sexuais ou questões de foro muito íntimo é escrito de modo cifrado, bem como parte dos assuntos financeiros. Elaborado com caracteres do grego e latim, símbolos matemáticos e astrológicos, foi utilizado também em cartas destinadas a algumas de suas parceiras. Anne Lister teve, desde muito cedo, a consciência do quanto aquilo que ela era diferia de qualquer padrão social previsto e do potencial de impacto que essa sua *peculiaridade* – como denominava seu

vida de Anne Lister, do seu retorno à Halifax, em 1832 até seu casamento com Anne Walker, em 1834. Além da história amorosa, que articula a trama ao longo dos capítulos, vemos Anne retomando os negócios da família; iniciando obras para modernizar Shibden Hall; entrando com firmeza e astúcia nos “negócios sujos” do carvão mineral, ouro para a revolução industrial e abundante em suas terras; estudando botânica e geologia, temas de grande interesse para seus novos projetos; empreendendo mais uma de suas viagens internacionais, agora para Copenhague; lidando diariamente com as chacotas de homens que não suportavam vê-la ocupando seus espaços.

Miss Lister em casa também nos apresenta sua vida cotidiana, as complicadas relações familiares com seu pai, sua irmã e os cuidados com sua tia, que sofria de doença crônica; sua lide com os empregados e arrendatários das terras – cujas vidas também aparecem em tramas paralelas –, seu amor pelas longas caminhadas, pelo trabalho físico e pela medicina; a possibilidade de ressignificar sua relação com o lugar e, talvez, pela primeira vez, sentir-se verdadeiramente em casa. Embora curto, esse período da vida de Lister foi bastante intenso, nos permitindo também entrever, como pano de fundo, os primeiros anos da Revolução Industrial, as transformações

sociais, políticas, econômicas e culturais pelas quais a sociedade inglesa passava, com a ascensão de uma burguesia comercial e industrial, a constituição de uma classe operária urbana e os conflitos derivados dessas mudanças.

Sally Wainwright, criadora da série, optou por explorar o período de maturidade de Anne Lister, apresentando-a no que considera a fase mais potente de sua vida, quando ela já havia herdado as terras da família e vivera experiências afetivas e sexuais o suficiente para entender que podia lidar com esse tema com mais serenidade. Ao mesmo tempo, suas angústias de juventude em relação à ‘sua peculiaridade’ estavam apaziguadas e ela podia entrar na briga de igual para igual com qualquer outro pretendente na busca da companheira de sua vida. A escolha desse período também foi inspirada no livro da pesquisadora Jill Lindgton, intitulado *Female Fortune: Land, Gender and Authority: the Anne Lister diaries and other writings*, que foi o primeiro contato da criadora da série com Anne Lister, na década de 1990.

amor pelas mulheres, na falta de outros termos – podia gerar, tomando todos os cuidados possíveis no gerenciamento dessa questão.

7. Embora faça poucas citações diretas, utilizei para a escrita do artigo, além de publicações de imprensa e redes sociais, que cito pontualmente, os livros de Helena Withbread, Jill Lindgton, Patricia Hugues, Anne Choma, Angela Esteidale, Carmen Álvarez Hernández, todos citados na bibliografia. Gostaria de ressaltar ainda, que as traduções de trechos dos diários utilizados como citação foram feitas por mim – mantenho o título dos livros e artigos no original, quando eles não possuem edição em português.

8. Em abril de 2019 o Serviço de Arquivos do West Yorkshire disponi-

2 – “Não é cada minúsculo momento, um prazer inexplicável, repleto de potencial?”¹⁰

Anne Lister realmente foi uma mulher revolucionária, a seu modo. Muitos se referem a ela como uma pessoa extraordinária ou à frente de seu tempo, operação um pouco incômoda para os historiadores, mas que tenta dar conta de algo que atravessa seus diários de forma absoluta: mais do que fazer coisas que as mulheres e boa parte dos homens de sua época jamais pudessem fazer ou tivessem como expectativa viver¹¹, o que já é um feito e tanto, Lister o fez de forma intensa e determinada, lutando cotidianamente para não abrir mão de si e de suas verdades, com as armas que possuía. Descrita pelos pesquisadores como uma mulher de inteligência extraordinária, corajosa, autoconfiante e sedutora, Anne dedicou boa parte da sua vida aos estudos, às viagens, aos negócios e, é claro, às mulheres que, como aventura sexual ou busca de uma companheira de vida, também pautaram a sua existência. Ao mesmo tempo em que podia ser fria e pragmática para tomar decisões que considerava as mais acertadas para si, mesmo que às vezes fosse tida como impiedosa ou arrogante, também era afetuosa, intensa, um pouco dramática e por vezes frágil, como demonstram seus diários. Lister,

que acreditava profundamente na vida e no poder de ação sobre o mundo, sabia que cabia a ela moldar a sua existência a seu gosto – isso, ao mesmo tempo em que a tornava resiliente, não permitia autocomiseração. Sally Wainwright ressalta, em várias entrevistas, que parte do seu fascínio por ela vem justamente dessa capacidade de ser muito pé no chão e, ao mesmo tempo, tão inconstante e surpreendente.

3 – “(...) eu era um grande ‘pepino’, escapei de minha cuidadora e fugi entre os trabalhadores. Quando minha mãe achava que eu estava segura, estava fugindo à noite. Vi cenas curiosas, mulheres más, etc.”¹² (WHITBREAD, 1992)

Anne Lister nasceu em 03 de abril de 1791, em Halifax, Yorkshire, norte da Inglaterra. Recebeu o primeiro colo e o nome de sua tia, também Anne, que foi responsável por sua educação e por um apoio incondicional durante toda vida. Filha de um capitão do exército inglês, Jeremy Lister e de Rebecca Beattie, era a mais velha de seis irmãos, dos quais sobreviveram apenas ela e a irmã mais nova, Marian. Embora saibamos pouco de sua infância, pelas ano-



bilizou cópia digitalizada de todos os diários de Anne Lister, inclusive os de viagem. Em julho do mesmo ano, foi lançado o *Anne Lister – Diary Transcription Project*, ação de tradução coletiva de seus diários, com a participação de voluntários de diferentes partes do mundo. Na última atualização, em março de 2021, estavam disponíveis a tradução de 605.000 dos quase 7.000.000 de palavras existentes. Mais informações em: <https://wyascatablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/anne-lister-diary-transcription-project/>. Acesso em: 18 set. 2021.

9. Anne, falando consigo mesma, no alto de uma colina, enquanto olha para Shibden Hall, no dia em que retorna à Halifax – da cena do primeiro capítulo da série.

10. Texto da persona-

tações de seus diários e cartas de familiares, percebemos que Anne teve que lidar com situações adversas desde cedo: seu pai era um perdulário convicto, sem tino para negócios, o que colocava a família muitas vezes em situação financeira crítica. Quase sempre insolvente, recorria a empréstimos frequentes, o que acabou levando à venda da propriedade da família, quando Anne, já adulta, vivia em Shibden Hall, com seus tios¹³.

Sua mãe, com quem tinha uma relação difícil, foi descrita por Anne como uma pessoa emocionalmente frágil e adicta do álcool, situação agravada pela perda sucessiva de três de seus filhos, ainda na infância, e depois do quarto, já adulto, levando à sua morte precoce, em 1817. Certamente não devia ser fácil para ela cuidar de seis filhos praticamente sozinha – papel essencialmente feminino à época -, com pouco dinheiro e, ainda, sem contar com o apoio da filha mais velha, de quem se esperava suporte no cuidado com os irmãos e na administração das tarefas da casa. Mas isso não era para Anne - mesmo mais tarde, quando já tinha se tornado proprietária da Shibden Hall, sua irmã era a responsável pela gestão das atividades de casa, da compra de mantimentos à lide com os empregados domésticos.

Anne sempre contou com o apoio de seus tios

Jaime Lister e Anne Lister¹⁴, irmãos solteiros que viviam em Shibden Hall, o palacete em estilo medieval construído no século XV, que depois tornou-se residência oficial da família e, na época de Anne, já era a construção mais antiga na região de Halifax. Ela sempre frequentou a casa, mas foi morar definitivamente com eles aos 24 anos, em 1815, quando terminou seus estudos em York. Os Lister eram uma família bastante tradicional na região e, embora empobrecida, se comparada à nobreza ou aos comerciantes e industriais, possuíam nome, origem e um certo status, fazendo da sua amizade elemento de distinção social, o que fomentava disputas pelos raros convites para o chá da tarde no velho casarão.

Ao que tudo indica, Anne não foi uma criança fácil de lidar, embora tivesse sido sempre boa aluna. Descrita como inteligente, rápida e independente, teve várias interrupções em sua educação formal, o que contribuiu para o autodidatismo que marcou sua vida. Aos sete anos, foi para um colégio interno para meninas em Ripon, de onde foi expulsa dois anos depois, supostamente por mau comportamento, indo morar com seus tios em Shibden Hall. Em 1804, aos treze anos, foi para a Manor School, internato de elite para meninas em York, onde ficou até o verão de 1806, quando foi convidada a se retirar em razão

gem Anne Lister no início do segundo capítulo da série, em conversa com Anne Walker.

11. Dois pontos, que têm a ver com a natureza do suporte das informações, contribuem para a ampliação dessa percepção de excepcionalidade: o fato de sua vida chegar ao presente por meio de diários nos coloca em contato com o calor da hora, ou seja, com a densidade da experiência concreta da vida, no momento em que ela acontece. Mesmo que a narrativa possa ter algum grau de elaboração e autorreflexão, está longe de ser um texto autobiográfico no sentido da representação de si como unidade e da ordenação de uma trajetória de vida; por outro lado, a possibilidade de se ter uma visão de conjunto da existência de uma pessoa, com a intensidade

da descoberta de seu caso com sua companheira de quarto, Eliza Reine, pois temiam sua influência sobre as outras meninas, além de um possível escândalo. De volta à casa da família, seguiu estudando com o reverendo local, o que permitiu que ela aprendesse conteúdos reservados somente para meninos, como álgebra, aritmética, grego, geologia e química¹⁵. Ela só voltou à escola de York em 1810, quando Eliza havia saído. Agora, já adulta, a frequentava em regime de aulas diárias, não mais de internato, morando na casa dos Duffin, tutores de Eliza.

4 – A descoberta do mundo

A volta de Anne à Manor School foi um divisor de águas em sua vida. Com dezenove anos e feliz por sair da casa dos pais, tinha a possibilidade de deixar para trás a vida do interior e viver na então principal cidade do norte da Inglaterra, que passava por um período de grande exuberância e riqueza derivados da exploração da lã. Nesse momento, Anne também parece ter compreendido que sua vida poderia ser muito mais interessante do que aquilo que sua cidade oferecia, ampliando seu horizonte de expectativas. Por intermédio dos Duffin, conheceu um novo

grupo de pessoas, filhas de famílias da região, entre elas Isabela Norcliff, a Tib, como a chamava, que logo se apaixonou por ela, dando início a uma relação intensa e conturbada, mas bastante duradoura¹⁶.

Foi ela que, alguns anos depois, apresentou Anne à Mariane Belcombe, que iria se tornar o grande amor de sua vida e por quem deixaria Isabela. Viver esse período em York significava usufruir de uma vida social e um cosmopolitismo que ela sempre almejava e rapidamente Anne construiu amizades que sustentaria por toda vida, principalmente com os Belcombe, Norcliff e Duffin. Embora ainda estivesse vinculada à Eliza, que havia mudado para Halifax e estava cada vez mais próxima da sua família, acalentando a firme esperança de com ela viver após a finalização de seus estudos, Lister se afastava cada dia mais dela, vivendo inclusive outras relações. Nesse período de sua vida, Anne perdeu o último irmão, Samuel, tornando-se herdeira potencial das terras da sua família e, terminando seus estudos em 1815, passou a viver definitivamente com seus tios, em Shibden Hall.

e crueza que atravessa os diários, ao mesmo tempo em que nos leva a reconhecer a humanidade ali presente, permite uma visão da complexidade da existência que raramente conseguimos ter de alguém em vida. Seus diários funcionam como a lembrança viva da irredutibilidade da vida, daquilo que escapa à elaboração absoluta, da relação complexa entre elementos que, ao serem revisitados ou deslocados, podem mudar a configuração do que se vê – e isso também pode ser desconcertante diante do nosso desejo de ordenação e normalidade.

12. Anne lembrando de quando era criança, em Paris. Diários de Anne Lister, 13 de novembro de 1824.

13. Essa situação familiar marcou-a de modo bastante singular, fazen-

5 – “Queimei os versos de despedida do Sr. Montague para que nenhum vestígio da admiração de qualquer homem permaneça. Não é adequado para mim. Eu amo e amo apenas o sexo frágil e, portanto, amada por eles, por sua vez, meu coração se revolta com qualquer outro amor que não o deles.”¹⁶

Anne tinha uma vida sexual bastante ativa e sem preconceitos em relação ao prazer físico, entendendo-o como parte da vida biológica. Conquistadora contumaz, à qual, segundo suas próprias palavras, nenhuma moça havia resistido, usava de sua inteligência e carisma para se aproximar das mulheres, tendo entre suas estratégias a citação de poetas clássicos ou românticos que fizessem menção ao amor entre homens ou entre mulheres, para sondar o terreno¹⁷. Seus diários trazem o relato de aventuras sexuais e encantamentos passageiros com moças de Halifax, York e Paris, que dividiam o seu tempo com os amores que realmente importaram: Eliza Reine, Mariana Belcombe, Vere Hobart e Anne Walker.

Eliza (1805-1813), até onde sabemos, foi a primeira paixão e a descoberta da sexualidade, ainda no colégio interno. Anne chegou a ‘casar-se’ com ela – que a chamava de marido –, trocando alianças e

fazendo planos de vida futura. Filha de um médico inglês que servira na Companhia das Índias Ocidentais e de uma indiana¹⁸, com a morte do pai, Eliza foi trazida junto com a irmã para a Inglaterra e colocada sob a responsabilidade do Sr. Duffin, amigo da família. A relação iniciada na adolescência se manteve firme mesmo depois da expulsão de Anne da escola, mas mudou definitivamente com seu retorno para York, em 1810. Anne relutou em encerrar o vínculo com Eliza, embora as duas praticamente não se vissem mais depois do seu segundo ano fora. A situação só foi resolvida em 1813, quando Eliza, cansada de esperar e bastante magoada com a percepção do abandono, se afastou, acabando internada um ano depois em um hospício para tratamento de enfermidades mentais, de onde nunca saiu¹⁹.

Mariana (1814-1833), com quem constituiu a relação mais duradoura e intensa, abandonou Anne, a quem chamava de Fred, para casar-se com Charles Lawton em 1816, um viúvo rico que estava em busca de herdeiros. Lister, absolutamente decepcionada, não pode fazer nada, pois não tinha sequer meios de manter Mariana como esposa. A relação, entretanto, mesmo com alguns períodos de afastamentos, manteve-se firme por quase 20 anos – as duas se encontravam de tempos em tempos e a expectativa



do com que Anne tratasse sempre com muito cuidado da sua vida financeira.

14. A tia Anne era sua madrinha e sempre a ajudou, financeira e emocionalmente, acolhendo-a em sua casa toda vez em que havia algum problema. Recebia em troca um amor bastante devotado. Ao que tudo indica, seus tios, seu pai e sua irmã, sabiam sobre Anne. Eles, e alguns poucos amigos próximos, formavam sua rede de apoio primeira, além de seus diários.

15. O período em que ficou em Halifax antes de retornar para York foi de muitos conflitos para Anne. Adolescente e rebelde, aprendeu a manejar a espada com o irmão e a atirar; iniciou amizades com rapazes da região, motivadas

gestada era de que elas pudessem ficar juntas, em Shibden Hall, após a morte do marido. Anne e Mariana também formalizaram o seu compromisso com a troca de anéis, e Anne, pelo menos nos primeiros anos, manteve-se confiante na relação, declarando-se casada, dedicando seu tempo aos estudos e a ajudar seu tio na administração da propriedade. Com o tempo, entretanto, Mariana foi adquirindo gosto pela nova vida e pelo reconhecimento social que o casamento lhe trouxera. Ao mesmo tempo, começava a rechaçar a presença de Anne, em função de sua aparência excessivamente masculina, da qual tinha vergonha. Essa ruptura foi marcada por um decepcionante encontro em Scarborough, em 1823 e, mesmo não definitiva, foi avassaladora para Anne, que decepcionada com a relação e descartando a proximidade da morte do tal marido, passou a considerar a possibilidade de encontrar outra companheira, decidindo-se agora a levar em consideração mais as vantagens sociais e financeiras da escolhida, do que propriamente o afeto.

A terceira quase esposa de Anne foi Vere Hobart, filha de um diplomata aristocrata inglês que conhecera em Paris em uma de suas viagens e a quem acompanhou para o litoral da Inglaterra durante um surto de cólera que assolava algumas regiões do país.

Anne não parecia estar apaixonada, mas desejava profundamente ter sucesso em sua empreitada matrimonial, pois Vere representava tudo o que ela almejava naquele momento em uma companheira: era rica, bonita, sofisticada e pertencia à nobreza. Apesar de todo investimento, ela inesperadamente aceitou o convite de casamento de um militar, lançando Anne novamente na escuridão da rejeição. Com exceção da Eliza, as outras duas relações são apresentadas em *Gentleman Jack* porque fazem parte do presente vivido na série, seja pela ruptura com Vere que a leva de volta à casa, seja pela continuidade da relação com Mariana.

Anne Walker, era a herdeira mais cobiçada de Halifax e vivia, aos vinte e nove anos, sob a redoma de proteção de sua extensa família, pois era considerada frágil emocionalmente - o que hoje se trataria, possivelmente, como bipolaridade. Anne havia encontrado ela e sua irmã pela última vez em uma visita feita logo após a morte de seus pais, quinze anos antes. A jovem, ao que tudo indica, ficara muito impressionada com Lister nessa ocasião, nutrindo desde então uma admiração platônica por ela. Na série, Anne mantém relações próximas com os tios de Ann, os Priestley e assim que volta para Halifax, recebe uma visita deles, acompanhados da sobrinha. Sur-

por interesses comuns, como armas e cavalos, o que se tornou motivo de conflito com sua família, pois meninas não podiam ficar sozinhas com homens sem ter sua honra questionada, fazendo dos castigos e proibição de sair de casa, recorrentes, assim como as fugas. A exceção eram as visitas de Eliza, que passava todas as férias de verão com Anne, permitindo que o romance continuasse.

16. Embora tenham ficado juntas por um certo tempo e ocasionalmente depois, Anne nunca considerou a sério a possibilidade de Tib ser sua companheira de vida. Apaixonada por Anne, ela manteve a esperança de que pudessem viver juntas em algum momento, gerando desentendimentos frequentes entre elas, agravados pelo fato de Isabela beber demais e criar cenas constrangedoras em pú-

presa com o reencontro, começou a cortejá-la, sendo correspondida com um deslumbramento que gradativamente se tornou paixão. Quatro meses depois da primeira visita à casa de Ann, a relação já havia passado para outro nível, com uma intensa vida sexual e conversas sobre de casamento.

Mas a coisa não seria assim tão simples: profundamente religiosa e surpreendida pelo pedido de casamento de outro pretendente – situação que não desejava, pois estava apaixonada por Anne, mas se sentia pressionada a considerar em função da cobrança social –, tornou-se refém do medo e da ideia de pecado associada à relação com outra mulher, rejeitando a proposta de Anne, em meio ao que parece ter sido uma crise psiquiátrica fortíssima. A separação delas durou quase um ano – Anne, que mais uma vez tem sua felicidade ameaçada por um homem, parte para uma viagem pelo norte da Europa e Ann vai passar um tempo com a irmã, na Escócia, para se recuperar da doença. O reencontro acontece no início de 1834, com uma Ann Walker decidida a viver sua vida com Lister, embora ainda não curada de suas tormentas completamente. Ann será a companheira de Anne até o final de sua vida.

Alguns tendem a enfatizar o caráter frio, calculista e manipulador das conquistas amorosas de

Anne e desejo de ascensão social e financeira por meio do casamento²⁰. Entendo que essa perspectiva é insuficiente e talvez equivocada para o entendimento da dimensão emocional, amorosa e sexual de sua existência. Primeiro, porque Anne, agia como um cavalheiro e nunca se entendeu fora desse papel social masculino naquilo que desejava para sua vida afetiva. Nessa época, para homens e mulheres o casamento era um negócio que deveria ser lucrativo – nada melhor do que unir a conveniência do afeto, quando possível, com um gordo rendimento anual. E embora o ideal de esposa para Anne combinasse beleza, distinção social e dinheiro, esse último não parece ter sido o determinante para suas escolhas afetivas, para o seu real envolvimento. Caso assim fosse, ela poderia simplesmente ter mantido sua relação com Eliza ou casado com Isabela, que também era herdeira de uma família de muitas posses, ambas insistentemente apaixonadas por ela.

O grande amor de Anne e por quem estava disposta a fazer qualquer coisa, Mariana, era filha de um médico que não possuía nenhuma riqueza, distinção social ou sofisticação – tirando a beleza, ela não preenchia nenhum dos outros requisitos. Como tantas mulheres da sua época, teve que se casar com um viúvo rico e insuportável para garantir sua so-

blico. Isabela Norcliff é um outro exemplo de mulher lésbica ‘bucht’ que, ao que tudo indica, sempre soube da sua condição e nunca se casou, tornando-se mais tarde herdeira das propriedades da família, como Anne.

17. Como não era possível falar abertamente, quando Anne suspeitava de alguma reciprocidade, era comum citar as sátiras do escritor romano Juvenal ou os poemas de Lorde Byron, para saber se podia seguir ou não em sua investida. Caso a pessoa conhecesse os autores ou não mostrasse objeção, era sinal de que podia ir em frente. Isso também funcionava como um código que permitia a identificação de outras mulheres lésbicas, como aconteceu com a Sra. Pickford, em quem acabou reconhecendo as mesmas inclinações que ela.

brevivência futura. Mesmo com Ann Walker, que começou com uma possibilidade de unir o útil – ela era uma herdeira – ao agradável – ter uma companheira bonita e gentil para a vida –, o que se observa é um progressivo envolvimento de Anne, como resalta a roteirista da série e fica explícito nos diários²¹. Caso assim não fosse, o que explicaria a dedicação de Anne que, mesmo tendo seu pedido de casamento rejeitado algumas vezes e já sem esperança de qualquer futuro conjunto, cuidou dela religiosamente na sua crise mental de novembro de 1832 a fevereiro de 1833, indo todos os dias à sua casa, até que ela pudesse ser levada para a Escócia? E mesmo durante sua viagem, continuou em contato com a irmã, para ter notícias dela e de sua recuperação?

6 –“Talvez eu não possa fazer melhor do que lhe contar um pouco do que tenho lido ultimamente, pois você sabe que sempre gostei de livros. Minha Biblioteca é um dos meus maiores prazeres depois de um bom passeio pelos campos...(...)”²²

O desejo de conhecer ocupou um lugar imenso na vida de Anne Lister – talvez essa tenha sido a ativida-

de mais constante e mais fundamental de sua existência. Disciplinada e rigorosa no cumprimento dos planos de estudos que elaborava para si, ficava desolada quando perdia tempo acordando depois das cinco da manhã ou tinha alguma enfermidade que a impedisse de estudar. Ela entendeu muito cedo que o trabalho intelectual podia ser uma alternativa ao casamento para garantir sua autonomia, acalentando o desejo de escrever sobre filosofia²³. E tinha consciência de que, para isso, precisava ser muito boa no que fazia. O estudo era para ela também possibilidade de cura e reequilíbrio emocional: logo após a decepção provocada pelo casamento de Mariana Belcombe, foi nos livros que ela encontrou forças para seguir em frente.

Além da literatura e poesia contemporânea, gostava de história e filosofia²⁴. Era amante das letras clássicas, dominava o latim e grego, além do francês, de um pouco de russo, de italiano e de ídiche. Estudava matemática, álgebra e geometria com afinco, assim como química, biologia, geologia, ciências naturais e tudo o que se relacionava à medicina, paixão de sua vida. Dotada de um espírito científico fino, conhecia todas as teorias contemporâneas das ciências naturais, circulando, sempre que podia, em palestras e eventos ministrados por renomados estudiosos e participava dos círculos literários de Halifax²⁵. Em

18. Eliza era muito bonita, mas de pele escura e nascida fora da Inglaterra, o que fez com que sofresse duplo preconceito por toda a vida. Alguns autores sugerem que esta era a razão de dividirem o quarto do sótão da escola, ela por não ser branca e Anne por ser pobre, ambas fora do padrão das meninas de elite da escola.

19. A relação entre Anne e Eliza é estudada mais detalhadamente por Patricia Hughes, no livro *Gentleman Jack – The Early Life of Miss Anne Lister and the Curious Tale of Miss Eliza Raine*.

20. A principal autora dessa perspectiva é Angela Esteidale, que escreve uma biografia amorosa de Anne Lister bastante polêmica entre os pesquisadores, pois trabalha apenas com fontes secundária – ela

1824 passou uma temporada em Paris, para aperfeiçoar a língua, e acabou assistindo aulas de medicina na Universidade, como mostra a série, em recurso de flashback. Embora não pudesse fazer o curso formalmente por ser mulher, conheceu Georges Cuvier, de quem era grande admiradora, e contratou seu assistente para ensinar-lhe dissecação, em uma sala de cirurgia improvisada no sótão de sua casa – Anne era verdadeiramente apaixonada por anatomia comparada e costumava testar as teorias que lia, em si mesma, como aconteceu em abril de 1831, quando passou vários dias fazendo exercícios com seu clitóris, depois de ler o livro *History of Anatomy of Woman, de Virey*²⁶ (CHOMA, 2019).

O estudo, entretanto, também tinha um sentido prático para sustentar seus projetos: quando entrou no mercado de carvão, Anne aprofundou seus conhecimentos de geologia e engenharia de minas, assim como se inteirou da dinâmica do mercado do carvão, para lutar de igual para igual com seus adversários. Ao promover as reformas em sua casa, em 1832, tornou-se sabedora de tudo sobre jardinagem, botânica e espécimes vegetais. Segundo Sally Wainwright, ela sempre se antecipava a todos, não só pelos estudos, mas também por sua agilidade mental – ela parecia estar sempre três passos à frente de todo mundo.²⁷

7 – “Esta jornada solitária pode me fazer bem. Isso vai me mostrar até que ponto posso realmente confiar nos recursos de minha própria mente”²⁸ (LEA, 2021).

O período que Anne esteve em Paris entre 1824 e 1825 somente confirmou o que ela experimentara na primeira vez em que esteve na cidade, com sua tia, cinco anos antes: conhecer o mundo deveria ser a sua maior aventura. Depois disso, Anne nunca mais parou em Halifax. Consciente da sua capacidade, almejou circular pela elite social e intelectual de seu tempo, onde ela acreditava poder ser, inclusive, mais livre em relação ao seu amor pelas mulheres, pois acreditava que eles saberiam reconhecer o valor da sua excentricidade e inteligência²⁹. Anne, entretanto, tinha consciência de que vinha de uma família tradicional, sem muito verniz e trabalhou muito para adquirir a sofisticação e conhecimento necessários para participar desses círculos³⁰. As viagens, nesse sentido, tiveram um caráter também formativo para ela. Mesmo com pouco dinheiro e as roupas nem sempre adequadas, era muito hábil socialmente, logo tornava-se bem quista e as portas se abriam, ajudando-a a constituir uma sólida rede de relações

não pesquisou os diários para escrever o livro – e constrói sua argumentação claramente direcionada à comprovação dessa tese, definida previamente, passando por cima de outras evidências presentes na documentação.

21. “Acho que criei um retrato bastante autêntico de Lister. Está muito claro nos diários que, embora não fosse uma de suas grandes paixões, quando ela começou a cortejar Walker ela começou a se apaixonar por ela de uma forma que não esperava. Eu não acho que era apenas por dinheiro – embora certamente houvesse esse elemento.(...) Mas Lister, apesar de si mesma, começou a ter sentimentos realmente palpáveis por essa mulher. (...) Eu também acho que está claro pelos diários, que Walker estava absolutamente des-

e amigos nos países pelos quais passava³¹.

Na série, assim como nos diários, a viagem é um marcador importante para contar a história de Anne: o retorno à Shibden depois de um longo período fora, é o ponto de partida para o drama e, assim que ela entende que Ann Walker não tem condições de casar-se, novamente a viagem se apresenta como forma de exílio da dor e da decepção – as viagens, nesse sentido, possuem um lugar parecido com aqueles estudos, de permitir que ela se reencontre consigo mesma. Anne foi aprofundando seu lado aventureiro depois que assumiu plenamente suas terras – muito provavelmente porque passou a ter mais recursos –, traçando novos desafios, como o alpinismo e as viagens turísticas³². Com a vida equilibrada, os negócios em ordem e uma companheira de aventura, sua existência estaria completa. Anne manteve diários específicos para a maior parte de suas viagens e também costumava ilustrar suas anotações com esquemas, mapas e desenhos – paisagens, edificações, meios de transporte, elementos naturais, como rios e montanhas, tudo o que lhe chamasse atenção ou necessitava de mais informações era detalhado graficamente.

Após a morte de seu tio, em 1826, Anne viajou extensivamente pela França, Itália, Suíça, Suécia, Bélgica, Holanda, Alemanha, Escandinávia, Países

Baixos³³. Em cada cidade por onde passava, além das atrações turísticas, gostava de conhecer lugares inusitados, como fábricas, prisões, orfanatos e minas, mantendo o espírito aventureiro, hospedando-se em todo tipo de acomodação que se mostrasse disponível, desde grandes hotéis e mansões particulares até pousadas à beira da estrada, cabanas, mosteiros ou em sua própria carruagem³⁴. Anne sempre quis escrever livros e quando as viagens se tornaram o ponto central de sua vida, considerou fortemente a ideia de publicar livros turísticos, como os guias de viagem, que estava se tornando cada vez mais populares na Europa, o que motivou suas descrições cuidadosas dos lugares que visitava e o levantamento de informações precisas, considerando a geografia, geologia, história, política, cultura e arte de cada região.

E foi justamente fora de casa que ela encontrou o seu fim, na segunda viagem com Ann Walker, quando haviam chegado à Georgia, aos pés do Cáucaso, aos 49 anos, em setembro de 1840. A viagem, que havia iniciado em 20 de junho de 1839, passara pela Suécia, Finlândia, e ainda chegaria ao Oriente Médio, onde Anne pretendia escalar o Monte Ararat. Provavelmente picada por um percevejo, que estava dizimando tropas recém-chegadas do interior, Anne passou mais de um mês com febres altas³⁵, até que



lumbrado por Lister”. Sally Wainwright, em entrevista ao Lisa Liebman. Gentleman Jack’s – Sally Wainwright on the Riveting True Story Behind the Lesbian Drama. Ophra Dayli, 22 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.oprahdaily.com/entertainment/tv-movies/a27230118/gentleman-jack-sally-wainwright-suranne-jones-interview-hbo/>. Acesso em: 18 set. 2021

22. Carta de Anne Lister, Market Weighton, de 11 anos, para sua tia, Anne Lister, York, 3 de fevereiro de 1803 [SH: 7 / ML / 3]. Disponível em: <https://wyascatablog.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/anne-lister-the-early-years/>. Acesso em: 18 set. 2021.

23. Em entrevista em um evento, Anne Choma sugere que, de cer-

não resistiu e cedeu à doença. Ann mandou embalsamar seu corpo em Moscou e o levou consigo de volta para casa, junto com seus diários, numa viagem que durou mais de seis meses atravessando a Europa.

8 – “Saudar! todos saúdam meu diário! tu amável enganador de muitos pensamentos enfadonhos e muitas horas solitárias – tu, amigo de antigamente! tu, fiel mentor que acalmaste tanto a explosão de alegria como a de tristeza, e ensinaste minha alma a acumular seus melhores recursos longe do alcance do suspiro humano!”³⁶

Anne Lister se refere aos seus diários como o lugar onde ela encontrava alívio e acolhimento, onde conversava consigo mesma acerca das tantas coisas que não ousava tratar com ninguém. Além dos segredos íntimos, ela pensava na alegria que eles poderiam lhe proporcionar no futuro, permitindo que as aventuras do passado pudessem ser revisitadas, exercendo também uma função de memória – ela justificava, por essa razão, a necessidade de ser tão detalhista em suas descrições. Essa relação com a escrita íntima, que é decisiva para o entendimento de sua trajetória,

é também o lugar de reflexão, de avaliação do que se estava sendo vivido, da construção de alternativas em relação ao que ela sentia, ansiava, pretendia – era o lugar em que ela encontrava o prumo, diante dos desafios da vida, dos conflitos de suas relações amorosas, dos compromissos familiares, das estratégias para conseguir o que desejava³⁷.

Chamo a atenção para isso porque há uma tendência em ver o diário como um lugar de verdade absoluta, sem barreiras e sem mediação, o lugar mais íntimo de reconhecimento de si, levando a uma essencialização do eu e a um desejo de transparência verdadeiramente impossível. A contenção de nossas pulsões ao longo do processo civilizatório do Ocidente, como nos lembra Norbert Elias, concomitante com a invenção do eu e da subjetividade moderna, não nos deixa esquecer que o fato de não estarmos diante do outro, não significa que o outro não está em nós. Ou seja, o diário, como ponto de partida para a compreensão da existência, principalmente em perspectiva histórica, é sempre e apenas parte do que foi vivido e muito mais complexo do que a palavra, como signo e a aparente coerência do discurso, podem dar a entender.

Diferente do status que os diários iriam adquirir na última metade do século XIX, quando muitas ve-



ta forma, Anne embora não tratasse seus diários como obra literária, destinada a um público, aplicava à sua elaboração, o mesmo rigor que teria se pudesse ter escrito seus livros. Segundo ela, mesmo que não pudesse saber, Anne escrevia sua obra prima cotidianamente. *Gentleman Jack and extraordinary women*, realizado em Bristol, em 30 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FL4J6xz6UYw>. Acesso em: 18 set. 2021

24. Infelizmente, a biblioteca de Anne Lister foi vendida um pouco antes de John Lister morrer, possivelmente desmembrada, porque não há notícia nenhuma de sua localização ou lotes parciais.

25. Em outubro de 1831, Anne Lister foi eleita

zes eram escritos para serem lidos ou ao menos consideravam a possibilidade dessa leitura por terceiros – a subjetividade compartilhada, como um dos símbolos da burguesia europeia –, Lister os guardava a sete chaves, em uma caixa de escrita especial, para que ninguém pudesse ter acesso a eles. Nunca houve, ao que tudo indica, nenhuma pretensão de exposição de seus conteúdos, ao contrário, Anne chegou a queimar algumas vezes suas correspondências, com medo de que elas caíssem em mãos erradas e pudessem expor a si ou a outras pessoas.

Lister era absolutamente cuidadosa com seus escritos, organizando sistematicamente suas correspondências, montando índices cronológicos/temáticos e fazendo cópia de todas as missivas que enviava. Também transcrevia, em seus diários, trechos inteiros de cartas suas e que recebia, razão pela qual podemos ter acesso a muitos dos diálogos que travou por meio de correspondências. Os primeiros registros dos diários foram em folhas soltas, de quando ela tinha 15 anos, em 11 de agosto de 1806. Depois disso, algumas outras entradas avulsas e descontínuas, até que em agosto de 1816 ela retomou a escrita de forma contínua e quase obsessiva, organizando-os agora em brochuras marmorizadas de cerca de 300 páginas. No total, são 26 cadernos regulares e 14

de registros de viagens, somando mais de 7 milhões de palavras, escritas ao longo de 34 anos³⁸. Curiosamente, a última entrada em seus diários é também do dia 11 de agosto, mas agora de 1840.

9 – “Apesar de tudo que escrevi em meu diário, não desabafei o suficiente”³⁹

Anne escrevia praticamente todos os dias, mas quando não era possível, tomava notas sobre as coisas mais importantes, para que não esquecesse de nada, e posteriormente passava para os diários. Sua escrita era rápida, solta e com muitas abreviações de palavras, além de apelidos e grafia diversa do nome das mesmas pessoas, o que dificulta bastante sua leitura. Desenhos, referências a livros, lugares e pessoas eram comuns. As anotações sempre começavam com o relato de como havia sido à noite, inclusive com a indicação de atividade sexual ou não – ‘Q’ com um laço, experiência sexual; ‘beijo’, relação sexual; ‘cruz’, representada muitas vezes graficamente, orgasmo – e a descrição, se havia sido satisfatório ou não, quem havia tido orgasmo e, no caso de masturbação, a indicação de quem foi a musa inspiradora. Em seguida, informações sobre o clima, vento, chuva, temperatu-

para o comitê da *Halifax Literary and Philosophical Society*, sendo a primeira mulher a ocupar esse posto. É interessante observar que, para além das situações de preconceito e de violência vividas, Lister conseguiu construir uma reputação em Halifax que não deixava nada a desejar a qualquer homem do período, participando dos mesmos espaços que eles, inclusive na política.

26. Diários de Anne Lister, 24 de abril de 1831.

27. Para a roteirista, mais do que um privilégio de classe, foi a inteligência e saúde mental robusta que lhe permitiram ter um senso saudável de autoestima e uma visão positiva de sua homossexualidade. Tudo o que Anne fazia, segundo ela, era muito bem pensado e feito com muito esforço e de-

ra. Depois, o horário do café da manhã, com quem o havia tomado, e as primeiras atividades do dia – que envolviam desde estudo, descritos em pormenores, incluindo quantas páginas havia lido de cada livro ou avançado em cada matéria -, até as atividades de trabalho – encontros com o administrador da propriedade, supervisão dos serviços, encomendas de produtos, conversas sobre o carvão, plantas e obras em sua residência, atendimentos médicos aos seus, bem como suas condições físicas, como se sentia no dia, além do cardápio das refeições, principalmente o jantar, no fim da tarde.

Anne também anotava as correspondências do dia, além da descrição das suas visitas, compras, saídas de casa, caminhadas e momentos em que ficava com sua tia, pai ou irmã. Embora os assuntos específicos pudessem variar, inclusive em razão dos diferentes momentos de sua vida ou de seu estado de espírito, eram anotados com um nível de detalhes extraordinário, que misturava descrições a reflexões, opiniões e avaliações sobre o que havia vivido, com a construção de possíveis encaminhamentos ou coisas a serem feitas. Das questões mais sérias e extraordinárias às mais corriqueiras, tudo estava ali, um retrato completo da sua existência cotidiana, bem como daquilo de extraordinário que ela continha.

10 – “(...) A parte escrita em cifra – depois de examinada, acabou sendo totalmente impubliável. O Sr. Lister ficou angustiado, mas recusou-se a seguir meu conselho, que era o de queimar todos os 26 volumes. Ele era, como você sabe, um antiquário e minha sugestão parecia um sacrilégio, o que talvez fosse”⁴⁰

A história de como esses diários chegaram até nós é, por si só, uma aventura. Depois da morte de Lister, sua companheira Ann Walker, trouxe seus diários de viagem de volta, impedindo que eles se extraviassem. Ann viveu em Shibden Hall, apenas com os empregados, até 1843, quando foi declarada incapaz e levada para o hospital para doentes mentais do Dr. Belcombe⁴¹. Nunca mais voltou ao velho palacete, tendo retornado à sua casa em Crow Nest depois de um período internada, onde viveu até falecer em 1857, aos 54 anos⁴². Com sua morte e a ausência de descendentes dos Lister de Halifax, Shibden Hall foi para um ramo distante da família, do País de Gales. Por volta de 1880, John Lister, que havia herdado a propriedade do pai, descobriu os diários de Anne dentro de uma caixa de madeira – provavelmente a mesma em que Walker os havia guardado. Intrigado com a parte criptografada dos escritos, chamou um amigo antiquário



dicação, como ressalta na entrevista no evento *Gentleman Jack and Extraordinary Women*, citado anteriormente.

28. Diários de Anne Lister, 29 de julho de 1833

29. Esse tema é abordado em uma cena do sétimo capítulo, em um diálogo entre Anne e Mariana, que viaja com ela para Londres.

30. Anne realmente teve o desejo – e a convicção –, pelo menos em parte de sua vida, de que poderia ascender socialmente. Ao mesmo tempo, ela sabia muito bem o quanto estava distante desse mundo almejado, inclusive do ponto de vista do trato, dos códigos de sociabilidade, do modo de vida da aristocracia, além, claro, dos recursos financeiros. Existiam, portanto, duas possibilidades de fazê-

Arthur Burell, para tentar decifrá-la e o susto foi imenso quando eles se deram conta do conteúdo daquelas páginas, recheadas de narrativas explícitas de sexo entre mulheres. Prontamente, o amigo aconselhou John a queimar os diários, para que não se corresse o risco de difamar o nome da família⁴³.

Seja por seu amor à história – ele era um antiquário – ou por solidariedade a uma possível condição comum, John não queimou os documentos, escondendo-os atrás de uma cobertura de madeira que revestia a parede de uma das salas da casa. Durante alguns meses ele publicou no jornal local uma série de pequenos artigos sobre Halifax antiga, extraídos dos diários, com informações sobre a economia, vida social, mas sem fazer qualquer menção à parte íntima dos diários. Em 1933, com sua morte e na ausência de outros Lister, Shibden Hall passou para o município de Halifax, que o transformou em parque. Durante o inventário das obras, livros e mobiliário que compunham o seu acervo, o bibliotecário local descobriu os diários e cartas de Anne Lister, sem, no entanto, ter acesso ao código. No mesmo ano, o amigo que havia ajudado a decifrá-lo, talvez pelo fato da família Lister não ter herdeiros vivos, enviou uma carta com a transcrição do código ao bibliotecário, solicitando que ele e os diários ficassem trancados

no cofre, para que não houvesse risco de mácula à memória da família⁴⁴.

11 – Um novo esconderijo

Salvos do fogo, os diários saíram de Shibden Hall para a Biblioteca de Halifax, onde ficaram na área restrita até o início dos anos 1980, sendo considerados imorais para o acesso público. Nessa época, Helena Whitbread, recém-formada e procurando um tema para sua pesquisa em história, encontrou os diários e a tese de sua vida. Antes dela, apenas a filha do bibliotecário, Muriel Green, que havia recebido a incumbência de organizar as correspondências de Anne Lister nos anos 30, e dois pesquisadores nos anos 60 – Phyllis Ramsden e Vivien Ingham – haviam recebido autorização para acessar o material, sendo, no entanto, proibidos de publicar qualquer coisa referente à vida sexual ou íntima de Lister⁴⁶. Em 1984, um artigo no *The Guardian* intitulado *O enigma das quatro milhões de palavras*, foi a primeira publicação que se tem notícia sobre Lister e seus diários, desde a sua chegada à biblioteca de Halifax.

Helena publicou o primeiro livro, intitulado *I Know My Own Heart: The Diaries of Anne Lister*

-lo: ou pelo casamento com uma aristocrata – sua tentativa com Vere Hobart –, ou pela sua inteligência, que sempre lhe abria portas. Nos dois casos, ela não mediu esforços para seu êxito, entendendo cada oportunidade de convivência nesses círculos como possibilidade de aprendizado. Seus diários trazem várias passagens em que explicita sua insegurança em relação a ser aceita e as estratégias que adotou para superá-la – o período em Paris, nos anos vinte, são particularmente interessantes nesse sentido.

31. A partir de 1828, essa rede ampliou-se, pois Anne foi apresentada, por meio de sua amiga, Sibbella Maclean, a pessoas que pertenciam à aristocracia inglesa e escocesa, ganhando assim acesso aos círculos sociais mais elevados.

(1816-1824) em 1988, após dois anos de trabalho contínuo nos arquivos. A publicação gerou grande impacto entre historiadores, que chegaram a questionar publicamente a veracidade das fontes, como lembra a autora, devido aos conteúdos que o livro apresentava, pois não se tinha, até então, outros registros semelhantes sobre a vida de mulheres lésbicas, com tamanha qualidade e detalhamento, para esse mesmo período histórico. Um século e meio após a morte de Anne Lister, seus diários ganharam vida e seus segredos foram revelados ao mundo. A partir desse momento, outros pesquisadores se debruçaram sobre o seu acervo, gerando uma série de estudos, de perspectivas variadas, embora nem todos tenham sido publicados⁴⁷. Do ponto de vista das produções audiovisuais, além de *Gentleman Jack*, foram realizados o filme *The Secret Diaries of Miss Anne Lister*, dirigido por James Kent, lançado em 2010 no Reino Unido pela BBC e um documentário sobre Anne Lister realizado por Helena Whitbread, ambos referenciados na bibliografia.

12 – De Halifax para o mundo

Em 2010 o acervo de Anne Lister foi incluído no pro-

jeto Memória do Mundo, da UNESCO, por ser “um relato abrangente e dolorosamente honesto da vida lésbica e reflexões sobre sua natureza”⁴⁸, sendo considerado de fundamental importância cultural para a Inglaterra. Mencionados como a Pedra de Roseta ou o Manuscrito do Mar Morto do mundo lésbico, a existência potente de Lister que submerge de seus escritos permite ampliar e a aprofundar as possibilidades de entendimento da condição lésbica historicamente em um nível surpreendente, já que se trata de registros de relações afetivas e sexuais entre mulheres anteriores ao século XX sobre os quais não se pode colocar nenhum eufemismo ou questionamento de veracidade, pois o nível dos detalhes e contundência do que é narrado torna impossível ignorá-los ou transformá-los em outra coisa. Seus diários contribuem, inclusive, para desconstruir a visão idealizada de pureza associada à amizade romântica entre mulheres no oitocentos que, ao permitir o acesso de mulheres à cama de outras mulheres, tornava possível a vivência da sexualidade lésbica, às vezes por anos, como na relação de Lister e Mariana Belcombe, que não tinha nada de inocente ou meramente instrutivo⁴⁹. Além de comprovar a existência dessas mulheres, os documentos explicitam que Anne não estava sozinha, que havia outras mulheres que



Foi nesse período que conheceu Vere Hobart.

32. Anne foi a primeira pessoa a chegar ao topo do Monte Vignemale, a quarta montanha mais alta dos Pirineus, na França, em 1838. Escalando com meias de seda e as saias amarradas, dormindo em barraca sobre a neve, acompanhada de um guia local, a façanha de Anne foi motivo de disputa de autoria, pois ao regressar, um nobre que também escalara o monte mas chegara depois dela, havia registrado no cartório a façanha como sua. Anne mobilizou uma série de testemunhas, conseguindo provar a mentira e retificar a inscrição a seu favor. Ela já havia escalado os Pirineus em 1830, mais especificamente o Monte Perdu, na Espanha. Esse evento foi estudado pela pesquisadora Vivien Inghan nos anos

também amavam e desejavam mulheres e, que a seu modo, dependendo das condições sociais e financeiras que possuíam, tentavam dar um sentido ao seu ser no mundo diferente daquele que estava a elas reservado, com maior ou menor êxito.

13 – “Eu conheço meu próprio coração e entendo meu próximo. Mas eu sou diferente de qualquer pessoa que já conheci. Ouso dizer que não sou como ninguém no mundo”⁵⁰

A referência à introdução do livro de memórias *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau, escrita em seu diário quando Anne tinha 32 anos, representa o amadurecimento de um longo percurso de busca de explicações sobre sua ‘peculiaridade’ e do entendimento de si. A consciência de Anne sobre si mesma e a maneira com que ela lidou com seu amor pelas mulheres é surpreendente, pois não se encontra em seus escritos uma condenação explícita no sentido moral ou religioso de sua condição ou a tentativa de negá-la⁵¹ – a consciência de que deveria viver aquilo que ela era nunca parece nunca ter sido colocado verdadeiramente em questão.⁵²

Anne buscou incansavelmente o entendimen-

to do que era e dos argumentos que pudessem legitimar sua existência, principalmente no se refere à construção de sua identidade e da sua relação com o mundo. Para isso, explorou dois caminhos que, em realidade, nunca foram apartados: o da ciência, pois acreditava que ela poderia ter uma causa biológica ou anatômica; e o da literatura, que como demonstra Anne Clark (CLARK, 1996), foi fundamental para o seu entendimento da existência de relações não heteronormativas como naturais, fornecendo um conjunto de referências e um repertório específico para nomear e entender o que se passava com ela⁵³. Em relação ao primeiro, Anne estudou tudo o que existia sobre medicina e sexualidade, em particular anatomia comparada, chegando à maturidade convencida que não havia nada de errado com ela biologicamente que pudesse explicar sua diferença, levando-a a suspeitar que pudesse ser algo mental, o que a fez aprofundar seus estudos sobre o cérebro. A busca do aprofundamento de seus conhecimentos sobre anatomia com George Cuvier, na sua passagem por Paris, em 1824, também teve esse sentido.

O segundo caminho foi literário. Anne parece ter buscado todas as referências que existiam na literatura sobre relações entre homens e entre mulheres, encontrando-as principalmente na tradição

1960 e publicado em um pequeno artigo, incluído na bibliografia.

33. A publicação recente de Adeline Lim, intitulado *In the Footsteps of Anne Lister: Travels of a remarkable English gentlewoman in France, Germany and Denmark in 1833*, trata de parte das viagens de Anne Lister pela Europa.

34. Serviço de Arquivos do West Yorkshire. Disponível em: <https://wyascatablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/anne-lister-the-traveller/>. Acesso em: 18 set. 2021

35. A última entrada no seu diário, quando começaram as febres, é de 11 de agosto de 1840 e ela faleceu em 22 de setembro do mesmo ano

36. Diários de Anne

clássica, em poetas satíricos romanos como Juvenal, Catulo, Marcial, Horácio e no romantismo, em particular Rousseau e Lorde Byron. Mesmo que houvesse poucas referências às mulheres nesses escritos e na maior parte das vezes de modo pejorativo, Anne acabava por ressignificar o que encontrava por meio de suas experiências. Clark, ressalta o papel que *Metamorfoses*, de Ovídio, ocupou na definição de si mesma como um terceiro lugar⁵⁴, nem masculino, nem feminino. Segundo ela, “*em vez de conceber seu amor como antinatural e condenado, ela leu em Ovídio um sentido de natureza humana como fluida, como constantemente metamorfoseada*”(CLARK, 1996). Nessa apropriação de Ovídio ressoavam também os estudos de anatomia sexual e a tese contida em um manual apócrifo sobre sexualidade que defendia o órgão sexual feminino como sendo uma apresentação diferente da mesma genitália masculina⁵⁵ – essa ligação parece ter fornecido a Anne os elementos para que ela defendesse a compreensão da sua natureza única: ela não precisava ser nem homem nem mulher, mas explorara os dois mundos, com o que de melhor eles ofereciam⁵⁶. De certa forma, Anne construiu um terceiro lugar identitário, entre os dois papéis de gênero possíveis à época, tendo consciência da sua excentricidade diante de olhos terceiros,

ressaltado pela sua figura física singular⁵⁷, que levou muitas vezes a ser confundida com homem na rua, recebendo epítetos pejorativos, como aquele que dá nome à série⁵⁸.

De fato, pelo que podemos ver de seus diários, embora Anne se incomodasse muito com as diferentes restrições impostas socialmente por ser mulher, não parece ter considerado assumir plenamente uma identidade masculina⁵⁹, embora em muitos momentos tenha incorporado posturas e tratamentos típicos de um cavalheiro de sua época, principalmente no trato com as mulheres, inclusive do ponto de vista sexual. E sim, Anne desejava gozar dos privilégios restritos a eles⁶⁰, mas também sabia que assumir uma postura mais radical nesse sentido teria implicações sociais que poderiam comprometer suas outras ambições. Exercer uma identidade de gênero feminina permitia que ela tivesse acesso a esferas vedadas aos homens, como os quartos e a intimidade das mulheres. Como explicou à Sra. Barlow, se ela fosse um homem, teria que se afastar, não podendo manter a mesma relação que tinha com elas – e isso afetava drasticamente a possibilidade de viver sua sexualidade. Esse “estar no meio”, entretanto, nem sempre era fácil – em seus diários há menção de como ela, mesmo odiando o excesso de babados

Lister, publicado pelo @westyorkshirearchive/Instagram [SH:7/ML/E/9/0080] Acesso em: 18 set. 2021

37. Anne Choma, no evento “*Gentleman Jack and Extraordinary Women*”, citado na bibliografia, sugere, inclusive, que a existência dos diários, cumprindo essa função de interlocução e acolhimento das fragilidades de Anne, foi fundamental para que ela conseguisse manter sua integridade e potência diante das adversidades da vida. Nesse sentido, é interessante notar que a primeira entrada conhecida dos diários é do dia em que Eliza Reine deixa sua casa em Halifax, depois das primeiras férias de verão juntas, e volta para o colégio de York, em 1806 – ela escreve: “Eliza nos deixou”. Depois de dez anos, Anne volta a escrever, justamente após o casamento de Mariana, em 1816, em

e frescuras, por vezes tentou fazer concessões nesse sentido; ou, como se sentia pouco à vontade quando na rua, a identificavam com um homem, como podemos ver em um dos episódios da série⁶¹

Estudiosa da filosofia natural e munida da concepção de natureza humana do romantismo, construiu um entendimento de que, se tudo no universo era a expressão da sabedoria divina, inclusive as particularidades dos seres humanos, o seu amor pelas mulheres só podia ser algo natural e legítimo, dado por Deus e, por isso mesmo, impossível de ser classificado como um equívoco. Seria um erro, segundo ela, não viver de acordo com a sua natureza. Embora não mudasse as restrições sociais que incidiam sobre seu corpo e sua vida, essa compreensão, de certa forma, apaziguou a questão para Anne, fornecendo munição para negociar com o mundo o seu direito de existência e a certeza de que poderia viver em acordo com sua condição mais íntima. Da ética romântica, Lister também incorporou a legitimidade da arte de dizer e de ocultar, que manejou tão bem no mundo social, seja para se proteger, para conseguir o que queria ou para deixar bem claro até onde iam seus limites; e do direito ao foro íntimo, no qual os diários, de certa forma, exerciam a mediação entre esses dois mundos.

Mas Lister também buscava outros exemplos

de que viver a seu modo era possível. Na ocasião de uma viagem com sua tia, em 1822, ao País de Gales, visitou Lady Eleanor Butler e Miss Sarah Ponsonby, conhecidas como “Damas de Llangolen”, irlandesas da elite que escandalizaram seus contemporâneos ao se apaixonarem no final do século XVIII. Para fugir do casamento tradicional, se refugiaram no campo, vivendo juntas até o fim de suas vidas. Consideradas pelos poetas com modelo de ‘amizade romântica’ à época, Anne sempre duvidou da castidade da sua relação – para ela ficou claro que a vida conjunta longe da cidade foi a forma que encontraram para viver seu amor, mantendo a fachada de respeitabilidade. Essa era a experiência mais concreta que Anne dispunha para arquitetar seus planos de ter uma companheira para toda a vida.

14 – Ann, tenha um pouco de coragem!”⁶²

A vida inteira de Ann Lister, de certa forma, representa o exercício de negociação, do ponto de vista social, identitário e familiar, de condições que a permitissem viver plenamente a sua natureza, ao mesmo tempo, ser aceita socialmente. Ela tinha consciência da complexidade da sua tarefa, mas foi construindo, cotidia-



meio a outro momento de sofrimento amoroso.

38. Esses anos compreendem desde a primeira entrada até a última, em setembro de 1840. Embora seja possível que ela tenha dado continuidade às suas anotações no intervalo de dez anos entre a primeira folha avulsa e os primeiros cadernos, em 1816, nada foi encontrado até agora. O que se sabe sobre sua vida nesse período vem de menções posteriores feitas em seus diários e de sua correspondência, inclusive com Eliza Reine, que se encontram também preservadas.

39. Diários de Anne Lister, 25 de agosto de 1823 (SH: 7 / ML / E / 7) WYAS. Disponível em: <https://wyascatablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/anne-lister-the-journals/>. Acesso em: 18 set. 2021.

namente, argumentos, coragem e determinação para levá-la adiante em um mundo feito por homens e para homens, ocupando espaços tradicionalmente vedados às mulheres. A consciência de sua natureza e de como ela se expressava em seu corpo não impedia, entretanto, que ela fosse atingida pela maldade e injúria de outrem, principalmente dos homens, que se sentiam ameaçados com sua presença e força⁶³.

Em uma das cenas mais comoventes da série, no capítulo 6, Anne está na cama com Ann, na sua última noite antes de ir para a Escócia, quando interrompe as carícias que estava fazendo e começa a chorar. Ann, assustada, pergunta o que aconteceu. Em meio as lágrimas, Lister explica que, dia após dia, ela se acostumou a ignorar o olhar dos outros, a ser forte para não se machucar, e que ela às vezes esquece que isso não é possível para todo mundo, referindo-se à Ann. Mais do que a frustração por outra relação em sua vida que se tornara impossível, Anne fala também da dor e do peso de ser diferente e de ter que construir estratégias para sobreviver, bem como da solidão que marca esse processo, que não é circunstancial, porque está ligada à impossibilidade mesma de reconhecimento de sua existência como legítima pelo mundo. Não importa o quanto tenha buscado conceitos e explicações para conceber a si

mesma de forma positiva ou estratégias para poder ter a vida que considerava justa para si, Anne sempre batia nos limites impostos pela sociedade de seu tempo, e se conseguiu ocupar os espaços que ocupou foi também por sua coragem, inteligência e resiliência, somados a um trabalho contínuo de construção de si e das condições que permitisse que ela pudesse viver como queria⁶⁴.

Em muitos momentos da série esse tema é retomado, seja nas conversas de Anne com Ann, tentando convencê-la de que não há impedimento nem religioso nem legal para que elas vivam junta; seja no desabafo feito à tia, inconformada como Deus podia ter se equivocado tanto fazendo ela, um espírito tão brilhante, num corpo tão estúpido, referindo-se ao que hoje denominaríamos sua inconformidade de gênero. Por mais consciência que Anne tivesse da legitimidade do que ela era, lutava todos os dias contra um mundo que tolerava a sua existência, sofrendo todo tipo de preconceito. Assim que Ann foi morar com ela em Shibden, foi publicado em um jornal local o anúncio do casamento do Capitão Tom Lister, uma referência explícita e de absoluto mau gosto, à audácia de seu ato⁶⁵.

40. Carta de Arthur Burrell ao bibliotecário de Halifax, 12 de dezembro de 1936, [SH: 7 / JN / B / 74/6]. Disponível em: <https://wyascatablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/anne-lister-the-journals/> Acesso em: 18 set. 2021

41. Dr. Belcombe, irmão de Mariana e grande amigo de Anne Lister, cuidou de Ann Walker desde que elas começaram seu relacionamento. Nessa época ele havia prometido a Anne que sempre estaria ao lado de Ann, e o fez até o final da vida.

42. O contrato de casamento que elas haviam assinado as tornavam herdeiras uma da outra enquanto elas estivessem vivas, voltando seu patrimônio ao espólio das famílias originais após a morte de ambas e, por isso, Ann voltou a

15 – “Foi fantástico. Eu saboreei cada segundo. Eu me senti muito privilegiada por ela ter aparecido na minha vida e eu tinha que fazer isso. Foi difícil, mas fantástico. Eu me diverti muito com a Suranne e a Sophie (...). Nós tínhamos uma equipe maravilhosa, um elenco maravilhoso, um verão maravilhoso. Nós brincávamos que a Anne estava sorrindo para nós. E eu acho que ela estava mesmo.”⁶⁶

Sally Wainwright é absolutamente fascinada por Anne Lister. A possibilidade de contar sua história, que também é um projeto pessoal, foi acalentada por ela, criadora, roteirista e diretora da série, por mais de vinte anos. Nascida também em West Yorkshire e conhecida por criar séries ambientadas nessa região da Inglaterra, sempre com mulheres protagonistas, fortes e peculiares, a roteirista frequentou Shibden Hall muitas vezes durante sua infância sem nunca ter sabido que um dia aquele lugar pertencera a uma mulher, que inclusive, foi a responsável por dar a ele o aspecto que tem hoje, tanto no palacete, quanto nos seus jardins. A descoberta veio só nos anos 1998, com o livro *Female Fortune*, da historiadora Jill Liddington⁶⁷. Em 2003 ela propôs um piloto da série,

que foi recusado, segundo ela, porque era um tema para o qual ainda não havia espaço na produção cultural, não se podia falar sobre isso, e ela também não era tão reconhecida ainda no meio televisivo⁶⁸. Em entrevista relembra que, depois do sucesso estrondoso de *Happy Valley*, em 2017, lhe perguntaram na BBC o que gostaria de fazer, e ela não teve dúvida de que havia chegado a hora⁶⁹.

16 – Química, oh química!

As atrizes principais, Suranne Jones e Sophie Rundle possuem uma química incrível como o casal romântico, inclusive nas cenas de sexo, que são um dos pontos altos da série e foram objeto de muito cuidado ao longo de sua produção. O espectador que acompanha o processo de enamoramento das personagens se depara com uma delicada progressão da tensão sexual entre elas, intensificada a cada encontro, e traduzida pelos closes da câmera, pela direção sensível, pela sinergia da atuação das atrizes, pela trilha musical, que possui papel fundamental, atuando quase como um terceiro personagem. Do ponto de vista ficcional, as cenas de sexo são consequências desse processo de sedução e entrega, de encantamento crescente de

viver em Shibden Hall, mesmo sem Anne.

43. Helena Whitbread menciona, em seu livro que, ao que tudo indica, John Lister também era homossexual – não se tratava, portanto, de somente macular o nome da família, mas também de chamar atenção para uma dimensão bastante sensível da sua vida. Cabe lembrar que o final do século XIX foi o pior períodos da história inglesa no que se refere à repressão à homossexualidade, considerada crime passível de condenação à morte. Ela só deixou de ser crime em 1976, o que permitiu também que os diários de Lister pudessem se tornar acessíveis ao público.

44. Em entrevista ao projeto *Anne Lister Birthday Week*, a pesquisadora Jill Lindgton detalha esses episódios

Anne Walker por Anne Lister, acontecendo de modo muito natural e verossímil.

A questão das cenas de sexo em filmes e séries é sensível não só pelo modo como representam a relação sexual e o que está em jogo – desejo, poder, gozo, força, papéis de gênero, corpo, etc. –, mas também no que se refere ao trabalho dos atores, em particular das atrizes e o modo como elas são obrigadas, muitas vezes, a se submeter a situações abusivas e desnecessárias, inclusive em termos de dramaturgia, para atendimento do olhar de quem dirige ou de um certo público. Quando se trata de sexo entre duas mulheres, isso se torna mais delicado ainda, pois elas facilmente de conjugam com o imaginário do sexo lésbico no fetiche masculino – mas não exercido somente por homens –, absolutamente equivocado em relação ao que pode ser uma relação sexual dessa natureza. Isso acontece inclusive em filmes e série dirigidos ao público lésbico, como é o caso de algumas cenas de *The L Word*, por exemplo⁷⁰.

Nesse sentido, *Gentleman Jack* é muito interessante. Sally relata que as cenas de sexo foram tratadas com muito cuidado, porque ela não queria torná-las excessivas, descoladas da história, mas ao mesmo tempo tinha que ser coerente com Anne Lister, para quem a vida sexual ocupava um lugar muito importante e de

modo muito natural – era necessário encontrar a medida correta para equilibrar as duas coisas⁷¹. Outras opções e detalhes em relação às cenas de sexo também são relevantes, seja porque visam a coerência histórica ou da personagem, como o fato de elas nunca estarem totalmente nuas nas cenas, pois era a qualquer momento elas podiam ser surpreendidas, seja porque dizem respeito a características muito específicas do sexo entre mulheres, como o momento em que Lister acaba de ter relação com Mariana e limpa os dedos no lençol antes de anotar algo em seu diário, que está na mesa de cabeceira⁷².

Suranne Jones e Sophie Rundle mencionam, em entrevistas, como foi importante para a gravação das cenas, o apoio de uma diretora de intimidade, que facilitou a conversa sobre a sexualidade das personagens, o entendimento do que era a relação sexual entre duas mulheres e acompanhou os exaustivos ensaios das cenas; e a presença majoritária de mulheres no set, o que teria contribuído muito para a construção de um clima de liberdade e descontração fundamentais para a entrega das atrizes às cenas vividas por suas personagens.

ao falar de entrevista que realizou nos anos 90 com Muriel Green. Esse projeto, organizado pela americana Pat Esgate em conjunto com o Parque de Shibden Hall teve apenas edições virtuais em 2020 e 2021 devido à pandemia, realizando uma série de entrevistas com pesquisadores, artistas, profissionais, produtores e agentes locais envolvidos com a série e com o tema Anne Lister. Os vídeos estão disponíveis no canal <https://www.youtube.com/channel/UC7cdujQSfKkunA8N-TuQl2NQ>. Acesso em: 18 set. 2021.

46. Em seu primeiro livro, *Presenting the Past*, Jill Lindgton realiza estudo sobre a trajetória dos diários e das pesquisas sobre Anne Lister desde a decodificação de seu código.

47. Seguindo a crono-

‘17 – A história de uma mulher contada por outras mulheres

Não cabe aqui aprofundarmos a discussão em torno do ‘olhar feminino’ na produção audiovisual – e nem a série propõe essa discussão –, mas é inegável que ela é atravessada pelo fato de ser uma história sobre uma mulher contada por mulheres, inclusive porque a maior parte dos profissionais envolvidos o são. As pesquisas históricas sobre Anne Lister de que se tem notícia são feitas quase todas por mulheres; a série é criada, roteirizada e dirigida por uma mulher; a consultora de história e a editora de roteiro são mulheres lésbicas; as outras duas diretoras, a diretora de intimidade, a diretora de arte todas mulheres; a música título da série é composta e cantada por duas mulheres lésbicas, entre outros exemplos. Mesmo sem pautar a questão do feminismo, a série ocupa um lugar inegável em relação ao protagonismo das mulheres, sendo, de alguma forma, coerente com a personagem cuja história se propõe a contar, inclusive se levarmos em consideração o lugar sempre secundário das mulheres na indústria do cinema e do audiovisual. A necessidade de ocupar esse lugar na indústria do audiovisual é reafirmado pela criadora da série em vários momentos, pois “você ainda

vê tantos nomes de homens nos créditos, ou, se você vasculhar o Netflix, nas miniaturas, vê muitos mais rostos masculinos. É como virar o tanque. Se baixarmos a guarda por um segundo, isso vai parar”⁷³

Não sabemos até que ponto foi uma escolha deliberada ter tantas mulheres na produção e no set de gravação da série, mas Sally Wainwright sempre deixa claro seu interesse em criar roteiros com mulheres protagonistas, fortes, diversas, complexas, sendo muito questionada pelos personagens masculinos fracos e sempre secundários das suas tramas, questionamento esse que nunca é feito em relação a personagens femininos, quando ocupam o mesmo lugar⁷⁴. É interessante observar como isso se traduz nas personagens da série. Ann Walker, sobre a qual se tem pouquíssima informação histórica além do que é relatado nos diários e correspondências de Anne Lister⁷⁵ – chega até nós como uma pessoa tímida, insegura, frágil, que sofria de uma doença mental que hoje poderíamos chamar de uma depressão ou bipolaridade. Na série, embora essas características estejam presentes na definição da personagem, ela não é, de modo algum, uma pessoa sem iniciativa ou desprovida de potência, que simplesmente foi seduzida pelos encantos de Lister. Ao contrário, da mesma forma como havia feito anos antes, quando era



logia dos estudos, o segundo livro de Helena Whitbread, *No Priest But Love: The Journals of Anne Lister from 1824-1826*, saiu em 1992. Nesse mesmo ano também foi publicado o trabalho de Muriel Green feito na década de 1930, sobre as correspondências de Anne Lister, intitulado *Miss Lister of Shibden Hall: Selected Letters (1800-1840)*. Jill Liddington, pesquisadora da história das mulheres, lançou *Presenting the Past: Anne Lister of Halifax 1791-1840* em 1992, *Female Fortune: Land, Gender and Authority (1833-1836)* em 1988, e *Nature's Domain: Anne Lister and the Landscape of Desire (1832)*, em 2003. Patricia L Hughes, publicou em 2015, *Gentleman Jack Anne Lister's Secret Diary for 1817 e Gentleman Jack The Early Life of Miss Anne Lister and the Curious Tale of*

MÔNIA SILVESTRIN

adolescente e saiu correndo para convidar Anne para tomar chá ao vê-la passar perto de sua casa, também agora foi Ann quem disse a Lister que não tinha medo de ser beijada por ela, que a chamou para dormir na sua casa e a levou para o quarto, na primeira vez em que tiveram relações sexuais. É a mesma mulher que, um ano depois, decide assumir sua relação com outra mulher, mudando-se para Shibden Hall. Não existe, entretanto, cena mais contundente para revelar sua força do que o fato de, em meio à dor da perda de sua companheira, em um país estrangeiro, apenas acompanhada de dois empregados, conseguir embalsamar seu corpo e acompanhá-lo, por uma longa viagem de retorno à Halifax.

Além das protagonistas, existem outras mulheres na trama que permitem explicitar as diferentes situações às quais são submetidas em função de seu papel social de gênero e o que tem que fazer para poder sobreviver. A camareira de Anne Lister, que é enganada pelo cocheiro e engravida dele, tendo que arranjar um casamento às pressas para encobrir sua condição; a mulher de um dos arrendatários, que apanha diariamente do marido bêbado e violento; a irmã de Anne, em busca de um marido que possa lhe dar filhos e um sentido à sua vida; a própria Ann e o episódio de abuso sexual perpetrado por um pastor amigo da família;

Elizabeth, irmã de Ann, que vive um casamento infeliz na Escócia, sem a menor chance de sair dele.

18 – Lister Sisters!

Outro elemento que atravessa a série é o fato de parte das pessoas envolvidas com sua produção e que também são gays ou lésbicas, poderem contar uma história que é, em parte, também sua, pois têm em comum a experiência de terem que lutar para poder viver a sua verdade mais íntima, como diria Lister. Isso não acontece porque necessariamente existe algo de estrutural, natural ou universal na experiência homossexual, mas porque o mundo em que ela viveu está há mais de duzentos anos distante do nosso e, ao mesmo tempo, tão perto. Embora hoje tenhamos palavras para nomear a nossa 'peculiaridade' e descrevê-la exaustivamente, o fato de ainda termos que fazê-lo ou de questionar os modos como o fazem em nosso lugar, nos indica que compartilhamos ainda experiência semelhante de deslocamento e inadequação. Nesse sentido, poder realizar um projeto como esse, com tantas pessoas da comunidade LGBTQIA+ envolvidas, representa um respeito considerável à possibilidade de escuta daqueles que

Miss Eliza Raine. Angela Steidele, historiadora alemã publicou *Anne Lister: Eine erotische Biographie*, em 2018. Anne Choma, consultora de história de *Gentleman Jack*, publicou em 2019, *Gentleman Jack (Movie Tie-In): The Real Anne Lister*, tratando do período abordado na série. Existe um conjunto grande de pesquisas acadêmicas e teses defendidas sobre diversos aspectos da vida de Anne Lister, em língua inglesa, em países como a Inglaterra, EUA e Canadá que, infelizmente, não conseguimos ter acesso para essa publicação.

48. Excerto de reportagem da BBC News *Anne Lister's diaries win United Nations recognition*, de 21 junho de 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-leeds-13616303>. Acesso

realmente podem dizer, com propriedade, o que é estar na pele de Anne Lister.

19 – “Ela fez algumas coisas extraordinárias em uma época em que as mulheres simplesmente não tinham permissão para fazer nada de verdade. Ela fez a primeira subida registrada do Mont Perdu, nos Pirineus, estudou cirurgia cerebral com Georges Cuvier em Paris, fundou suas próprias minas, fez toda sua engenharia ...e o mais importante foi que ela se casou com outra mulher em 1834”⁷⁶

O acerto de contas com o passado local e com a memória das pessoas que participaram do projeto também é outra dimensão importante dessa série. Assim como Sally Wainwright, muitos dos profissionais envolvidos com o projeto são da região de Yorkshire e frequentaram Shibden Hall quando criança, sem nunca ter sabido da existência de Anne Lister. Contar a história dessa mulher para o grande público, não é só dar visibilidade aos excluídos das narrativas históricas no sentido clássico, mas sobretudo permitir que as pessoas que vivem na região possam ressignificar a sua relação com um espaço e um lugar que

são parte estruturante da sua identidade. E não é um acréscimo qualquer no panteão das figuras já consagradas – é, ao contrário, um duplo deslocamento na normalidade instituída pelo passado, como lastro do presente: mulher e lésbica, agora memorável no sentido de uma ‘memória compartilhada socialmente’, cujo alcance ainda está por ser definido, bem como os processos de sua apropriação e ressignificação.

‘20 – “Eu me dei certa licença poética para construir uma narrativa clara, mas, no todo, a série é realmente muito fiel aos diários. Nada foi inventado. Um diário não é um romance, não é uma história. [...] Então o meu trabalho foi criar uma narrativa clara a partir de algo que é basicamente um documento de vida.”⁷⁷

Quem já ousou se aventurar pela escrita de roteiros sabe quão é desafiador e ao mesmo tempo, emocionante, escrever uma peça ficcional sobre a vida de alguém. A situação mais comum é você ter acesso a um conjunto de vestígios do passado sobre a existência da pessoa, mais ou menos abundante ou detalhado, constituído de documentação primária ou



em: 18 set. 2021. Infelizmente o documento original de reconhecimento não está disponível na página da UNESCO do Reino Unido e nem tampouco naquela geral da Instituição.

49. No século XIX a amizade íntima entre jovens meninas e moças era tolerada e às vezes até incentivada, pois funcionava como uma espécie de válvula de escape para a libido, permitindo o controle dos corpos para que se mantivessem ‘virgens’ até o casamento com o sexo oposto.

50. Diários de Anne Lister, 20 agosto de 1823, fazendo referência a Rousseau [SH:7/ML/E/7]. WYAS. Disponível em: <https://wyas-catablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/anne-lister-an-introduction/>. Acesso

secundária e, a partir disso, construir uma narrativa coerente, fazendo uso das estratégias discursivas e recursos necessários para torná-la uma boa história, tendo em vista as características da linguagem a que se destina – cinema, teatro, série televisiva, etc. Considerando que uma biografia, mesmo que ficcional, pressupõe algum vínculo com fatos reais, dois riscos se apresentam: quando se tem pouco material e é necessário, por aproximação ou inferência, reconstituir grandes partes ou eventos de época, ou então elementos que caracterizem a personagem – é preciso de pesquisa secundária cuidadosa para não cair em anacronismos ou fugir, excessivamente, do que pode ser considerado crível no contexto daquela existência. Outra situação é quando se tem material em abundância e uma fortuna crítica extensa, em que é necessário dialogar com muitas interpretações e ponto de vistas, podendo levar tanto ao engessamento da narrativa, excessivamente presa aos fatos ou a necessidade de corresponder à realidade do ocorrido, quanto à constituição de uma meta-biografia, que trate mais do que foi dito sobre ela do que dela própria – o que pode ser ao mesmo tempo interessante, no caso de um documentário, mas bastante arriscado, em se tratando de entretenimento.

O caso de *Gentleman Jack* está mais próximo

da segunda opção. A vida de Anne Lister é descrita dia a dia, de forma contínua por 25 anos, com grande detalhamento, material complementado pelas correspondências suas e das pessoas de seu círculo social, além da documentação histórica de sua família – ou seja, não só existe material em abundância, como uma dimensão factual/cronológica dada de antemão, sobre a qual há pouco espaço para dúvidas. Essa concretude dada estabelece relações de causalidades, intenções, consequências, variáveis que determinam ações e comportamentos, limitando os territórios em que o autor exerce com mais autonomia a sua liberdade criativa – por mais que seja ficcional, o limite do que se pode fazer nesse campo, com a presença de tantos vestígios auditáveis e acessíveis, torna-se menor. E aí reside a genialidade do roteiro de Sally Wainwright que consegue equilibrar, de modo muito inteligente, os acontecimentos da vida de Lister com as exigências da linguagem televisiva.

Partindo da caracterização de Anne Lister como heroína da história, a roteirista constrói uma narrativa muito próxima, do ponto de vista factual e cronológico, do que está presente nos diários, abrindo pouquíssimas exceções ao aproximar algumas datas – como o reencontro de Anne e Ann após quase um ano, que na série acontece no mesmo dia em que as

em: 18 set. 2021

51. As passagens tratam mais dos percalços gerados pela sua inadequação ao papel social de gênero, que a impediam de fazer certas coisas; da busca por explicações sobre si; das situações em que passou por algum preconceito ou violência; ou de seus amores, do que da negação de sua condição.

52. É impressionante que Anne, aos 14 anos não só tenha se permitido viver concretamente o seu desejo sexual e seu afeto na relação com Eliza Reine, mas também tenha construído com ela a firme convicção de que elas poderiam morar juntas, sem conhecer, ao que tudo indica, nenhuma referência de relação diversa daquela heteronormativa.

53. No artigo intitulado *Anne Lister's Construc-*

duas chegam a Halifax e na vida real, possui um intervalo de duas semanas, mediado pela troca de correspondências –; ou a troca de alguns personagens na trama por outros, ambos reais, como é o caso dos Priestley, que substituem o Atkinson, como tios de Ann Walker, no desenrolar de alguns acontecimentos; ou, ainda, os embates entre Lister e o Reverendo Ainsworth, ambos pretendentes de Ann Walker, que na série se dá de forma pessoal, e na vida real aconteceu por correspondência⁷⁸.

Fugindo da lógica do diário, que seria um caminho fácil, porém muito óbvio para a construção da narrativa, Sally faz com que ele apareça de outras formas, seja nos momentos em que Anne de fato está escrevendo, seja quando ela rompe com a quarta parede e dialoga diretamente com o espectador, voltando sua atenção para a câmera. Uma preocupação grande da roteirista era conseguir expressar a vitalidade, energia e força, inclusive física, de Anne Lister, o que foi possível não só pela atuação vigorosa da atriz, mas também pelo uso inteligente da sonoplastia e da *steadycam*, que, literalmente, segue o ritmo dos passos da personagem. Esses elementos, juntos, fazem com que a sua movimentação na tela seja o elemento de marcação do ritmo e agilidade da própria série. Ou seja, não basta ser uma série sobre

Anne Lister – é ela quem tem que mandar no pedaço.

Outro mérito desse roteiro – mesmo com as críticas ao espaço ocupado pelas tramas paralelas⁷⁹ –, é o modo como ele consegue integrar à dimensão cotidiana da vida de Anne, tanto os episódios do seu passado, quanto eventos externos que marcaram sua época, num arranjo muito eficiente. Ele consegue traduzir em tramas, gestos, falas, tempos diferenciados de ação, no arranjo dos eventos, nas características de personagens, cenários, em pequenos detalhes, os elementos que são fundamentais para a compreensão da vida e da personalidade de Lister, sem que nada precise ser dito explicitamente – a síntese quem faz é o espectador, quando se dá conta, de repente, de que conhece Anne Lister. Ou seja, ao tratar a história dessa personagem tendo como eixo articulador a sua última aventura amorosa, a autora consegue fugir da narrativa biográfica clássica e, ao mesmo tempo, contar uma bela história de amor, com todos os elementos necessários: a sedução, o apaixonamento, a conquista, as dúvidas, os conflitos, o afastamento e a quase certeza da impossibilidade do amor e, finalmente, o reencontro redentor, coroado com o casamento. Isso tudo atravessado pelo fato de serem, os seres enamorados, duas mulheres. É interessante pensar que, se o nome da série não fizesse referên-



tion of Lesbian Identity, publicado no Journal of the History of Sexuality, da Universidade do Texas, ela reconstrói detalhadamente percurso de Anne em busca da construção de si na relação com a literatura.

54. Essa busca se reflete no particular apreço que Anne tinha por tudo que se relacionasse à hermafroditas, androginia, dualidade, práticas sexuais não convencionais, etc.

55. O manual, intitulado *Aristotle's Masterpiece Completed In Two Parts, The First Containing the Secrets of Generation*, de autoria anônima, publicado em 1720. Citado por Anna Clark no artigo mencionado acima.

56. Essa percepção era frequentemente reiterada pelas mulheres com

cia a uma pessoa – *Gentleman Jack* –, talvez ela não fosse pensada como uma biografia, embora a história de Anne Lister esteja toda lá.

O roteiro de Sally Wainwright tem ainda um mérito adicional: ela consegue passar ao largo das fórmulas prontas na construção da sua Anne Lister, mantendo a complexidade da personagem, evidenciando suas contradições, suas fragilidades, sua potência como alguém inserido na dinâmica da vida⁸⁰. Anne Lister, para a roteirista, é duplamente sua heroína – na admiração que a autora nutre pela mulher real, e na personagem que criou para sua história, apresentada magnificamente na primeira cena em que aparece na série, pilotando a carruagem. Essa heroína, entretanto, é sobretudo humana, inclusive em sua arrogância, seu autoritarismo, seu orgulho, seu conservadorismo, que aparecem na série, mas acabam sobrepujados pela sua potência de vida, por seu carisma, por sua resiliência, sua inteligência e coragem. É difícil não torcer por ela – e esse é um sinal de que o trabalho foi bem feito, pois essa é a mesma sensação que se tem ao ler os seus diários.

21 – “Eu tinha visitado a casa quando era pequena e sempre fiquei impressionada. Pro-

duzia um efeito meio macabro, arrepiante, mas extremamente atraente. (...) Eu sinto que aquele cheiro de Shibden faz parte do meu mundo, sempre fez. (...) Poder filmar lá trouxe uma coisa grande para a série. É um aspecto mágico tangível estar na casa onde tudo realmente aconteceu. A paisagem em volta de Shibden também é importante, sabendo que a Anne tomava conta daquilo todos os dias na década de 1830. Ela percorria a propriedade, visitava os arrendatários, andava até Crow Nest, até Lightcliffe para ver a Ann Walker(...).”⁸¹

Outra dimensão importante da relação com o passado em *Gentleman Jack* é o trabalho cuidadoso de reconstituição histórica em termos de adereços, figurinos, cenários e a paisagem impactante de Yorkshire, que também foi agenciada para compor as referências de época e linguagem da série, funcionando como um elemento estruturante da narrativa, inclusive porque a referência à ‘paisagem ancestral’ e à natureza ocupam lugar importante no mundo construído por Lister. O elemento estrutural do fetiche histórico, no entanto, é o fato das cenas referentes à vida familiar de Anne Lister terem sido gravadas

as quais se envolvia, como no dia em que a Sra. Barlow diz que ela tinha tudo o de melhor de um homem e de uma mulher, episódio descrito no segundo livro de Helena Whitbread, *No Priest But Love*.

57. Com 1,75 de altura, magra, mas bastante forte, com voz profunda e grande capacidade física, Lister era o que hoje chamaríamos de uma “lésbica bucht”, apesar das roupas femininas e da gestão cotidiana que exercia sobre si neste aspecto.

58. Sally Wainwright lembra, em entrevista à Ophra Dayli, que inicialmente o nome da série seria *Shibden Hall*. Decidiu-se depois por assumir o nome *Gentleman Jack*, termo para se referir a Lister de forma pejorativa. *Gentleman*, em referência ao seu esnobismo, e *Jack*, que tem sentido, em inglês,

no casarão de Shibden Hall, onde ela viveu boa parte da sua vida e que guarda as intervenções no edifício feitas por ela⁸². É um verdadeiro deleite para os amantes da história. Alguns cômodos, como o quarto de Anne, tiveram que ser recriados em estúdio, pois o espaço existente era muito pequeno para acomodar, além dos técnicos e atores, os equipamentos de filmagem e iluminação, cujo peso também poderia comprometer o piso de madeira, ainda original. Outros agenciamentos importantes foram a preparação dos edifícios e ruas da cidade, para as filmagens externas, já que foi difícil encontrar ruas que fossem adequadas às filmagens e mantivessem edifícios existentes na época de Lister. Alguns prédios foram revestidos com painéis, para poderem adquirir as características originais da sua época. Da mesma forma, foram feitas réplicas manuais, cuidadosas e perfeitas, dos diários de Anne e de outros objetos pessoais dela e da casa, que são usados na gravação das cenas.

Além de Shibden Hall, outras locações na cidade de Halifax e na região de Yorkshire permitiram manter, ao máximo possível, essa relação explícita com vestígios concretos do passado, possibilitando, de certa forma a construção da cadeia de ‘afinidades eletivas’ das quais fala Walter Benjamin, capazes de presentificar certos passados a partir de objetos ou

pessoas que são herdeiros, de alguma forma, da memória da experiência vivida por outrem neste mesmo passado. Em outras palavras, para além do gosto pessoal, o amor pelo passado – e esse passado patrimonial em particular – é parte do nosso atual regime de historicidade, como sugere François Hartog (HARTOG, 2013), e nos atravessa sem piedade.

22 – “As pessoas geralmente observam, conforme eu passo adiante, o quanto eu sou como um homem”⁸³

Se tem uma coisa que Suranne Jones fez para poder compor a sua personagem foi trabalhar. Junto com Sally Wainwright, foram seis meses experimentando gestos, modos de falar, entonação de voz, expressões, movimento do andar, para ver se funcionavam, fazendo musculação para fortalecer o físico e aumentar os ombros, processo coroado com a incorporação do figurino, da bengala e cartola de Anne Lister, além do espartilho especial de dança, que permitiu que a atriz, duzentos anos depois, pudesse viver fazer tudo o que a ativa e dinâmica Lister fez em vida, apesar da peça opressora do vestuário feminino. Gestual, roupa, adereços, a conformação identitária do corpo lés-

parecido com o ‘sapatão’ no Brasil, por seu jeito masculino. Segundo a criadora da série, não há indícios em seu diário de que Anne soubesse que era assim chamada, mas o termo, ressalta, continuaria vivo na tradição local para se referir a ela.

59. Ao falarmos da sexualidade de Lister e identidade de gênero, como concebemos esse termo hoje, temos que lembrar que, para seu tempo, só existiam duas possibilidades aceitáveis – ser homem ou mulher. As várias situações de incômodo ao ser confundida com homem ou o constrangimento das vestimentas e obrigações femininas, pareciam evidenciar, com signos trocados, uma mesma impossibilidade: se por vezes ela se sentia um homem aprisionado em um corpo feminino, assumir uma

bico foi um desafio para a atriz que nunca havia vivido um personagem igual a esse, duplamente distante de seu mundo, seja temporalmente, seja em relação ao gênero e sexualidade.

Tom Pye, designer com longa experiência em televisão, teatro e ópera é o responsável pelos figurinos impecáveis da série. O cuidado com os detalhes, com a qualidade dos materiais e ambientação como marco de verossimilhança histórica que marcam as produções de época da HBO, foram acrescentadas de sinergia com a construção dos personagens que faz com que os figurinos sejam parte ativa do trabalho criativo dos atores e do desenvolvimento da trama, contribuindo para a construção das relações entre eles⁸⁴. Ele explica que, além das características históricas, o pano de fundo para os figurinos foi a relação da roupa com a distinção ou posição social, riqueza, somados às características/construção dos personagens.

Na série, Lister veste apenas cores escuras, usa colete, bengala e cartola. Embora o preto e os tons escuros fossem tornar-se, ao longo do século XIX, a cor por excelência da masculinidade na Inglaterra Vitoriana e no Ocidente, os primeiros anos do oitocentos ainda viviam muito próximos da exuberância do setecentos, detalhe incorporado pelo designer nas vestimentas masculinas da série, ao menos naqueles

das classes abastadas, para as quais a cor e os tecidos finos também eram sinal de distinção, contrastando com as vestimentas neutras dos camponeses e serviçais. Ao mesmo tempo, as cores destacam a excepcionalidade dos tons escuros assumidos por Lister definitivamente em sua vida em 1817, como característica também da personagem, funcionando como parte de sua identidade de gênero⁸⁵.

É interessante que a questão da vestimenta é um ponto recorrente nos diários de Anne Lister, incluindo desde anotações sobre encomendas de roupas, até comentários sobre moda, passando pelos temores que muitas vezes teve, de não se apresentar à altura com suas vestimentas, principalmente quando era jovem e muitas de suas roupas eram de segunda mão, adaptadas para ela pela sua tia. Com a exceção de uma cena não incluída na edição da primeira temporada da série – e que não sabemos se corresponde à alguma citação dos diários –, Lister parece sempre ter usado saias ou vestidos, inclusive em suas atividades físicas, como o alpinismo. O figurinista menciona que embora nos diários apareçam espartilhos, anáguas, roupas muito femininas, colocar ela em roupa feminina preta, não parecia suficiente para marcar a sua diferença aos olhos contemporâneos. Eles queriam, de certa forma, traduzir a estranheza



identidade masculina geraria desconforto semelhante e acentuaria o estranhamento social de sua condição. Encontrar um 'lugar do meio' foi fundamental para que ela pudesse construir uma compreensão da sua singularidade como legítima, mas não significa que esse lugar pudesse ser traduzido para os outros da mesma forma. Anne tinha consciência disso e se apresentava ao mundo como mulher, embora os signos de masculinidade que marcavam seu corpo, sua subjetividade, sua ação no mundo estivessem presentes de modo irredutível, fazendo dela, aos olhos de seus contemporâneos, no mínimo uma figura excêntrica. Caso vivesse hoje, quando concebemos outras formas de existência não determinadas pela identificação direta entre sexo biológico e orientação sexual ou a identidade de gê-

que Lister provocava em seus contemporâneos por meio da indumentária, evidenciar o deslocamento de gênero, apesar das peças femininas. Isso acontece, por exemplo, na cena do jantar em Londres e no aniversário da rainha em Copenhague, ocasiões de gala onde foram usados vestidos que pudessem expor seus ombros largos justamente para marcar, ao lado do andar, essa inadequação.

Falar de indumentária de um personagem como esse é falar também do processo sensível que atravessa a vida de todos os que hoje não são cisgênero, heterossexuais ou possuem outra expressão de gênero que não seja masculina ou feminina. A vestimenta, como mediação/tradução do eu para o mundo, é parte fundamental da expressão da identidade de gênero e instrumento de negociação dos limites de aceitação de si e dos outros. Não é à toa que a expressão usual para representar a aceitação da orientação sexual ou identidade de gênero não convencional é 'sair do armário'. Armário não é lugar de se esconder, mas de guardar as tantas roupas que necessitamos para negociarmos nosso lugar no mundo. De certa forma, compartilhamos com Lister questões de um mesmo território, cujo poder se exerce pelo controle dos corpos, notadamente os sexuais. É interessante pensar, nesse sentido, que ela sempre se negou a

aprender as atividades relativas ao universo feminino, principalmente os domésticos, sendo o cuidado com suas roupas, a costura e limpeza de sapatos, a única atividade dessa natureza que realizou na sua vida.

23 – “Eu tomei meu destino em minhas próprias mãos, não acredite em nada até que eu mesmo diga a você. Sei muito bem o que todo mundo vai pensar, mas todo mundo pode estar errado”⁸⁶

A cena épica do reencontro da Anne Lister e Ann Walker, no último capítulo da série, que é precedida pelas cenas de chegada das duas a Halifax, e pela busca, ansiosa de Ann por notícias de Anne, agarra o expectador pelas entranhas: cansada da exaustiva viagem de volta, Anne ao ver sua mina de carvão inundada, emite uivos lancinantes de raiva e frustração. No momento seguinte, chega esbaforida, Ann, ainda sem acreditar que sua amada pudesse estar ali em carne e osso, e não em Copenhague. A incredulidade de Anne ao virar-se quando ouve seu nome, se mistura ao constrangimento do reencontro inesperado – marcado visualmente pela distância física. Nervosa, Ann fala sem parar sobre a carta que não



nero, talvez ela pudesse se reconhecer de outras formas, até mesmo um homem trans.

60. A vivência concreta de um papel social reservado aos homens é evidente em toda sua vida, desde os apelidos masculinos que recebia de suas amantes, até o fato de ter herdado sua propriedade, junto com a responsabilidade e o poder sobre os integrantes de sua família, exercendo o papel de irmão mais velho; também na sua concepção de casamento e no desejo de ter uma esposa nos moldes tradicionais – ela não abriu mão de que Ann Walker fosse viver com ela em Shibden Hall, a casa patrilinear, mesmo que possuísse uma morada mais moderna e bonita; no trabalho braçal que desempenhava junto aos seus empregados, como exercício de força e virilidade; no

recebeu, o casamento infeliz da irmã, e o conselho que ela deu – de que uma boa amizade é frequentemente melhor do que um casamento. Anne responde com um muxoxo, carregado de lembranças dolorosas. Ann pergunta se ela está bem, e Anne conta do desastre da mina, dizendo: “Eu apostei. Não deveria. Não vivemos, não é mesmo? Se não nos arriscamos de vez em quando?”

Eis a chave para a mudança de tom e a intensificação emocional da cena: aos poucos elas vão se aproximando, assim como a câmera, declarando a dor da ausência, cada uma a seu modo, as experiências vividas à distância e Ann, finalmente responde sim ao pedido de casamento feito um ano antes, tantas vezes negado. Sem acreditar, Lister pergunta se ela realmente quer fazer isso, se vai ter coragem de jurar na Igreja, e a resposta é uma declaração de amor que deixa Anne de olhos marejados, expondo sua fragilidade – que ela tenta disfarçar –, abrindo caminho para os beijos apaixonados que se seguem e se intensificam com a música, até que a câmera começa a subir, abrindo-se para o impressionante vale de Shibden⁸⁷. Mais clássico impossível e, ao mesmo tempo, divinamente revolucionário quando o expectador, arrebatado pelo lugar já conhecido do amor romântico, se dá conta de que são duas mulheres em cena.

Mesmo que se considere as críticas feitas às produções lésbicas centradas em relações amorosas, colocar duas personagens femininas que encontram um final feliz, no núcleo duro do modelo de amor romântico, que é o final épico, marcado pela ideia de redenção – e na sua tradução mais tradicional, que são as produções de época –, representa um deslocamento significativo em relação à compreensão da heterossexualidade como o único lugar autorizado para a realização do amor, da paixão e do casamento. Por outro lado, ao se apropriar explicitamente desse mesmo lugar do afeto heterossexual – algo que nem Anne Lister, nem suas companheiras poderiam ter feito completamente –, a série reafirma uma presença, a existência de mulheres lésbicas que viviam suas relações afetivas e sexuais, como bem demonstram os diários de Lister⁸⁸; e, ao mesmo tempo, uma dolorosa ausência – a cena jamais possível de duas mulheres se beijando de modo tão intenso e mágico naquela colina –, já que não era permitido a elas reconhecer sua própria existência como legítima, nem tampouco almejar uma vida aceitável em sociedade, respeitando a natureza de seus amores e desejos.

E aí entra um dado interessante. O roteiro dessa cena, atendendo às limitações da historicidade, previa apenas um abraço entre as duas personagens,



modo como lidava com seu corpo e com o prazer físico – não gostava de ser tocada, não permitia penetração, tinha constante necessidade de satisfação sexual; no seu exercício de se fazer médica, mesmo sem frequentar a universidade, entre outros exemplos.

61. Um menino, filho de um de seus arrendatários pergunta se ela é um homem. Desconcertada, talvez por pensar que tal questão estivesse superada, responde ao menino de forma taxativa, que sim, é uma mulher, depois de ter contando a ele que, uma vez, quando estava andando na rua, em Paris, vestida como uma mulher, com uma aparência muito feminina, fora confundida com um homem. Apesar da sua aparência, e do que mais dissessem sobre ela, sim, era uma mulher.

com a câmera fechando nelas ao final da cena, uma vez que estavam no alto de uma colina, com uma estrada ao lado e trabalhadores passando – como ressaltou a roteirista, elas nunca se beijariam em público na vida real⁸⁹. Durante os ensaios, Sally, que estava dirigindo a cena, e as atrizes, conversaram sobre a importância de entendê-la como o clímax da história e sobre a necessidade de ir além, de elevá-la ao máximo de sua potência emocional. Nas palavras de Suranne Jones, mesmo que de modo não intencional, uma conjunção de fatores, contribuiu para o desfecho inesperado da cena: a luz incrível do fim de tarde, o topo da montanha, o reencontro das personagens, a intensidade dos diálogos e da emoção que tomou conta das atrizes, tudo levou aos beijos apaixonados, que começaram, inclusive, tímidos, como se estivessem fora do lugar, e foram crescendo no calor da ação. Diante da beleza e potência da cena, a diretora decidiu mantê-la assim mesmo, para o deleite dos expectadores⁹⁰.

24 – “(...)The Gentleman Jack Effect habilmente reconta como oito horas de televisão inovadora encorajaram mulheres – independentemente de quem elas amam – a serem

elas mesmas, acenderam a criação de uma comunidade lésbica internacional e desencadearam um movimento global para atualizar a história queer.” (LEA, 2021)

Halifax viveu uma pequena revolução após o lançamento de *Gentleman Jack*. Em poucos meses, o parque de Shibden Hall, acostumado a receber o público da região, viu triplicar o número de visitantes, que chegavam de diferentes partes do país e do planeta em busca de experiências que permitissem alguma aproximação maior com o mundo vivido por Anne Lister há praticamente 200 anos. De modo semelhante, os lugares da cidade e arredores que tivesse relação com sua vida passaram a ser incluídos em roteiros turísticos, gerando um incremento significativo na economia da região⁹¹. Além do impacto local, um verdadeiro mundo ligado à indústria criativa surgiu, funcionando basicamente de forma *online*, para vender produtos relacionados à personagem e à série, desde camisetas, canecas e cadernos, até roupas e adereços para *cosplay*, passando por réplicas dos diários, de objetos utilizados por Anne, como o alfinete de gravata em formato de coração, músicas, quadros, tatuagens, bonecos, brinquedos e o que mais que se possa imaginar.



62. Anne Lister usa essa frase em vários momentos na série para encorajar Ann a deixar de lado seu medo e seguir em frente com ela.

63. Cabe mencionar que existia também um preconceito de gênero, pois Anne recusou o caminho mais fácil para viver a sua sexualidade, que era o lugar de uma mulher solteira como tantas outras, talvez um pouco excêntrica, afastada da sociedade – como aconteceu com Isabela Norcliff ou as Irmãs Langollen. Ao contrário, além de viver com outra mulher em sociedade, ela ocupou lugares reservados ao sexo masculino, gerando um duplo deslocamento. E como quase sempre era muito boa no que fazia, provocava receios, disputas e ressentimentos reais, atenuados às vezes, apenas pela posição social de

A série, mesmo que veiculada em canais pagos de televisão como a HBO e associados, chegou a mais de 50 países, incluindo alguns distantes como Egito, Coreia e Índia. A citação acima, retirada da apresentação do livro da pesquisadora Janet Lea, que estuda o impacto da série no mundo, pode ser considerada, para alguns, um pouco exagerada, mas define bem uma dimensão particular desse impacto, que vai muito além do turismo ou da economia, que é o papel desempenhado pela personagem Anne Lister na vida concreta das pessoas LGBTQIA+, lésbicas em particular, no sentido de servir como referência, estímulo ou apoio para que elas realizem grandes mudanças na sua vida, principalmente no que se refere à assumir sua sexualidade ou identidade de gênero⁹².

Alguns elementos são importantes para entender essa repercussão, para além da personagem carismática e sedutora da série e das dinâmicas comuns a todo *fandom*. Primeiro, o fato de Anne Lister ser uma personagem real instaura uma dimensão fundacional, de mito de origem, que um personagem ficcional jamais poderia fazer. Não se trata de um arquétipo ou modelo qualquer, mas uma mulher que há 200 anos se deparou com questões semelhantes às daquelas que as mulheres lésbicas se deparam hoje, em um mundo muito mais hostil à sua existência e

conseguiu não abrir mão de si – é uma mensagem poderosa essa, que implica, mais do que senso de identificação, a ideia de uma comunidade ancestral e, conseqüentemente, de continuidade de trajetória. Esse reconhecimento incita à ação sobre o presente, mobiliza as pessoas, reafirma o direito à existência, levando ao engajamento no campo do político e ao desejo de conhecimento.

Depois, temos a relação com o passado dada por nosso regime de historicidade, que nos predispõe a supervalorizar a experiência com seus vestígios. A explosão turística vista na região de Yorkshire tem relação direta com a série e com Anne Lister, mas a relação que se estabelece com o seu legado, entretanto, não é do reconhecimento de um passado que é importante para o presente, mas que continua sendo passado, e sim da possibilidade de se colocar em contato com a experiência mesmo vivida por ela, como diz Sally Wainwright, de poder andar pelas mesmas estradas, ver a mesma paisagem, respirar o mesmo ar. Nesse sentido, à admiração por Lister como ícone LGBTQIA+, junta-se o desejo pelo passado presentificado e a tradição turística local, marcada pela dimensão patrimonial. Em terceiro lugar, falamos de um movimento potencializado por redes sociais e pela tecnologia, que permite uma disseminação de

sua família.

64. Por mais que contasse com alguns privilégios, como o estudo e capital simbólico familiar, Anne não era rica e passou a maior parte do tempo lutando pelo seu equilíbrio financeiro. Sua propriedade, enorme no passado, havia se reduzido a algumas fazendas arrendadas. Mesmo quando assumiu a propriedade, dividia os lucros com sua tia e irmã, tendo acesso pleno a seus rendimentos somente em 1836. Um exemplo do seu trabalho e estratégia para ter independência foi o processo de herança das terras: seu tio, em princípio, não se sentia à vontade em passar a propriedade para uma mulher, e ainda havia seu pai na linhagem e, em último caso, os Lister do País de Gales. Mesmo com a promessa da herança, assim que voltou a viver com os

informações e de articulação extremamente importantes, que faz com que ele continue forte mesmo durante a pandemia da Covid19 e na ausência da segunda temporada da série.

Por fim, existe uma tradição anglo-saxônica das figuras e trajetórias exemplares como inspiradoras para vida, das estratégias motivacionais como elemento fundamental para o gerenciamento de si e da existência⁹³ que não podemos ignorar, menos comum no Brasil do que em outros países⁹⁴. Nesse mesmo sentido é preciso mencionar o compromisso assumido por praticamente todos os envolvidos na produção e realização do *Gentleman Jack*, com a figura de Anne Lister, entendendo que falar de sua vida para um público tão amplo, além do reconhecimento necessário de um passado até então negligenciado, também presta uma espécie de serviço público, ao mostrar a potência de vida e ação de uma mulher tão extraordinária⁹⁵. Do ponto de vista das redes sociais são inúmeros os perfis de *fandons* e pessoas no Instagram e no Twitter dedicados à sua história ou à série, apresentando os conteúdos mais diversos, de memes à transcrição dos diários, além de *podcasts*⁹⁶.

25 – “O amor sacudiu meu coração como o vento na montanha correndo sobre as árvores de carvalho. Mulheres bonitas, meus sentimentos por vocês nunca vão vacilar. Eu lhes digo: na hora de vir, alguém vai se lembrar de nós.”⁹⁷(WITHBREAD, 1993)

Um ícone LGBTQIA+? Em 24 de julho de 2018 o York Civil Trust inaugurou uma placa com arco íris em homenagem Anne Lister na igreja da Santíssima Trindade de York, onde ela se casou com Anne Walker, na páscoa de 1834. Essa ação faz parte do movimento de constituição de Anne como ícone da luta pelos direitos civis da comunidade LGBTQIA+ inglesa e foi alvo de muita polêmica, pois na sua primeira versão a definia como pessoa ‘de gênero não conforme’, termo substituído, após mobilização e abaixo-assinado, por ‘lésbica’, reafirmando a dimensão política do ato. Era o nascimento oficial da primeira lésbica moderna do Ocidente.

Anne Lister era politicamente conservadora e, embora defendesse maior igualdade de direitos entre homens e mulheres, como aquele do voto e o acesso às universidades, não era em uma perspectiva universal, democrática. Sua percepção de que não se enquadrava no que era oferecido às mulheres na sua



tios dedicou-se de modo intenso a aprender tudo sobre a administração dos negócios da família para provar a eles que estava à altura da responsabilidade e garantir a sua inclusão no testamento. Suas angústias com essa questão estão fartamente relatadas em seus diários.

65. Anne havia convencido Ann de que elas poderiam morar juntas e que ninguém questionaria o fato, afinal, seria apenas duas mulheres distintas vivendo na mesma casa. Isso, entretanto, não condizia com a realidade, tendo em vista o que era Halifax à época e o que todos já sabiam sobre Lister. Apesar do cuidado constante, os comentários sobre seu gosto por mulheres circulavam, suas investidas eram conhecidas em seu círculo social e, em certa medida toleradas, na perspecti-

época levou-a a se questionar sobre si mesma e sobre sua natureza, aproximando-a do universo masculino, mas nunca a fez pensar na possibilidade de ruptura com o papel social feminino de seu tempo, em tudo o que ele representava. É interessante pensarmos que a Europa do início da vida adulta de Lister vivia ainda sob o impacto da Revolução Francesa, iniciada dois anos antes de seu nascimento e cujos desdobramentos ainda se fariam sentir por décadas. A sociedade inglesa, por sua vez, se confrontava com as profundas transformações advindas da Revolução Industrial. Anne Lister, como parte de uma elite tradicional, que vivia dos ganhos do arrendamento de terras, se sentia duplamente ameaçada, seja pela burguesia endinheirada – sem qualquer verniz de civilização e linhagem –, seja pelos novos grupos de trabalhadores, inclusive os camponeses, que reivindicavam acesso às riquezas produzidas pela terra e pela fábrica. E Anne Lister defendia os valores de seu grupo social com ardor.

Considerando os 24 minutos anteriores, sempre penso que Anne Lister deve ser considerada a partir de seus termos e dentro do que lhe foi permitido viver em sua época, no seu tempo, na sua humanidade – se assim a considerarmos, podemos dizer que ela foi, realmente, uma mulher admirável. Fora

disso, qualquer julgamento ou crítica se torna temerário, pois sempre tendemos a esperar em demasia daqueles a quem amamos – e Anne Lister, para muitos, entrou nessa categoria de forma avassaladora. Respondendo à pergunta do início, penso que pouco importa se ela não defendia as mulheres ou se ela foi conservadora em suas posições políticas – quando a chamo de revolucionária não é no sentido do político clássico, das bandeiras, da rua, das duas revoluções que ela acompanhou em vida. Penso o quanto pode ser revolucionário olhar para si com coragem, e lutar por aquilo que se reconhece como inegociável na sua existência, a dita verdade mais íntima – que pode ser sua sexualidade ou qualquer outra coisa. Certamente ela já é um ícone LGBTQIA+, é só ver tudo o que seus diários e a série televisiva colocaram em andamento ao redor do mundo. O que temos que nos perguntar, entretanto, é onde localizamos a sua potência – o fato de ela ter se casado com uma mulher ou ocupado os espaços masculinos são só sintomas localizados que nos indicam onde ainda travamos nossas batalhas. Se quisermos realmente entender o que nos aproxima, temos que nos perguntar por nossos desejos, e não ter medo de ouvir as respostas.



va da amizade romântica, mas vigiadas de perto. Na família Belcombe, por exemplo, Anne já tinha tido relações com as quatro filhas. E depois do casamento de Mariana, quando desejou levar uma de suas irmãs como companhia de viagem, a mãe dela proibiu terminantemente, mencionando educadamente o risco que se corria, como a própria Anne relata em seu diário.

66. Trecho de entrevista de Sally Wainwright a Revista Monet, do dia 16 de maio de 2019. Disponível em: <https://revis-tamonet.globo.com/Series/noticia/2019/05/gentleman-jack-criadora-da-serie-fala-sobre-adaptacao-dos-diarios-da-primeira-lesbica-moderna.html>. Acesso em: 18 set. 2021

67. Em entrevista no evento “*Gentleman Jack*

MÔNIA SILVESTRIN

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e artigos

CHOMA, Anne. **Gentleman Jack: The Real Anne Lister**. USA: Penguin Books, 2019.

CLARK, Anne. *Anne Lister's Construction of Lesbian Identity*. In: **Journal of the History of Sexuality**, Vol. 7, No. 1 (Jul.1996). University of Texas Press.

GREEN, Muriel. **Miss Lister of Shibden Hall: Selected Letters (1800 -1840)**. Kingdon United: The Book Guild, 1992.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade – presenteísmo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

HERNÁNDEZ, Carmen Álvarez. **Caballero Jack: Los diarios de Anne Lister**. España, Ménades Editorial, 2019.

HUGHES, Patricia L. **Gentleman Jack Anne Lister's Secret Diary for 1817**. Kingdon United :Hues Books, 2015.

HUGHES, Patricia L. **Gentleman Jack The Early Life of Miss Anne Lister and the Curious Tale of Miss Eliza Raine**. Kingdon United: Hues Books, 2015.

INGHAN, Vivien. **Anne lister's ascent of vignemale**. Disponível em: https://www.alpinejournal.org.uk/Contents/Contents_1968_files/AJ%201968%20199-204%20Ingham%20Anne%20Lister.pdf. Acesso em: 18 set. 2021.

LEA, Janet. **The Gentleman Jack Effect: Lessons in Breaking Rules and Living Out Loud**. Laurel House Press, 2021.



and *Extraordinary Women*”, Sally Wainwright se refere a esse encontro com Anne Lister como uma refundação da sua relação com a sua cidade natal, que tomou para ela, de certa forma, uma dimensão mágica.

68. Lembramos que a primeira série televisiva de temática explicitamente lésbica, *The L Word*, foi lançada pelo Showtime em janeiro de 2004, com a última temporada em 2009. De produção americano-canadense, ela abriu caminho para produções posteriores, inclusive as web series independentes, que se tornaram o lugar por excelência de produções do gênero. Antes dela, a temática LGBTQIA+ tinha sido abordada na série. *Queer As Folk*, também pela Showtime, exibida entre 2000 e 2005. A tendência dessas produções, incluindo os filmes, continua sendo de

MÔNIA SILVESTRIN

LIN, Adeline. **In the Footsteps of Anne Lister (Volume 1): Travels of a remarkable English gentlewoman in France, Germany and Denmark (1833)**. Independently published, 2021.

LIDDINGTON, Jill. **Presenting the Past: Anne Lister of Halifax (1791-1840)**. Kingdon United: Pennine Pens, 1992.

LIDDINGTON, Jill. **Female Fortune: Land, Gender and Authority (1833-1836)**. Kingdon United: Rivers Oram Press, 1988.

LIDDINGTON, Jill. **Nature's Domain: Anne Lister and the Landscape of Desire (1832)**. Kingdon United: Pennine Pens, 2003.

STEIDELE, Angela. **Anne Lister: Eine erotische Biographie**. Alemanha: Matthes & Seitz Verlag, 2018.

WHITBREAD, Helena. **I Know My Own Heart: The Diaries of Anne Lister (1791- 1840)**. Reino Unido: Virago, 1988.

WHITBREAD, Helena. **No Priest But Love: The Journals of Anne Lister from (1824-1826)**. EUA: New York University Press, 1993.

Produção audiovisual

KENT, James. **The Secret Diaries of Miss Anne Lister**. Oxford Film Company/BBC Worldwid. Reino Unido, 2010.

WHITBREAD, Helena. **The secret life of Anne Lister at Shibden Hall**. Reino Unido, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HWMMdnzobjY>> . Acesso em: 18 set. 2021.



privilegiar as relações homossexuais masculinas, sempre em maior quantidade. *Gentleman Jack*, entretanto, é primeira série dessa temática, criada, escrita e dirigida por mulheres.

69. Matthew Bell, reportagem para a RTS intitulada *Sally Wainwright discusses the making of Gentleman Jack*, em 03 de setembro de 2019. Disponível em: <https://rts.org.uk/article/sally-wainwright-discusses-making-gentleman-jack>. Acesso em: 18 set. 2021.

70. Outro caso muito exemplar é o filme *Azul é a cor mais quente*, que consegue cometer equívocos nas duas dimensões, tanto no que se refere às situações abusivas vividas pelas atrizes, quanto pela representação do que seria o sexo lésbico.

MÔNIA SILVESTRIN

WAINWRIGHT, Sally. **Gentleman Jack**. 1ª temporada. Reino Unido: Lookout Point/BBC/HBO, 2019.

Eventos

ALBW – Anne Lister Birthday Week, edições virtuais de 2020 e 2021 - Organizado pela americana Pat Esgate em conjunto com o Parque de Shibden Hall. Disponível em: no canal <https://www.youtube.com/channel/UC7cdujQSfKkunA8NTuQl2NQ>. Acesso em: 18 set. 2021

Gentleman Jack and Extraordinary Women, realizado em Bristol, em 30 de agosto de 2019, Disponível em: <https://rts.org.uk/article/loud-and-proud-gentlemen-jack-creators-celebrate-dramas-success>. Acesso em: 18 set. 2021 e <https://www.youtube.com/watch?v=FL4J6xz6UYw>. Acesso em: 18 set. 2021

Entrevistas, reportagens e vídeos

BBC News. **Anne Lister's diaries win United Nations Recognition**, de 21 junho de 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-leeds-13616303>. Acesso em: 22 set. 2021.

BELL, Matthew. **Sally Wainwright discusses the making of Gentleman Jack**, para a RTS, 03 de setembro de 2019. Disponível em: <https://rts.org.uk/article/sally-wainwright-discusses-making-gentleman-jack>. Acesso em: 18 set. 2021.

CLARK, Anne. **Remembering Stonewall: Anne Lister and the politics of queer commemoration**, 23 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.historyworkshop.org.uk/anne-lister-and-the-politics-of-queer-commemoration/>. Acesso em: 18 set. 2021.

GOVE, Ed. Reportagem da RTV. **Sophie Rundell joins Suranne Jones in Sally Wainwright drama Gentleman Jack**, abril de 2018. Disponível em: <https://rts.org.uk/article/sophie-rundell-joins-suranne-jones-sally-wainwright-drama-gentleman-jack>. Acesso em: 18 set. 2021.



71. “Fiz questão de não ser gratuito. Eu queria expressar a relação entre Lister e Walker e o fato de Lister ser uma grande amante. Era uma parte grande e importante da vida dela, então eu queria refletir isso”, diz Sally em entrevista à Lisa Liebman, para a Ophra Dayli, citada anteriormente.

72. Outra característica interessante que é retratada nas cenas da série é que Lister não gostava muito de ser tocada, principalmente nos seios. E para ela, despir-se durante o sexo era também marcador de intimidade e compromisso, como explicita seu diário, em uma das entradas, logo após ela e Ann Walker terem trocado as alianças, em que ela registra que pela primeira vez ela tirou toda sua roupa, como

KENT, James. **The Secret Diaries of Miss Anne Lister**. Reino Unido, 2010.

LIEBMAN, Lisa. *Gentleman Jack's - Sally Wainwright on the Riveting True Story Behind the Lesbian Drama*. Ophra Dayli, 22 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.oprahdaily.com/entertainment/tv-movies/a27230118/gentleman-jack-sally-wainwright-suranne-jones-interview-hbo/> . Acesso em: 18 set. 2021.

REVISTA MONET. **Gentleman Jack': Criadora da série fala sobre a adaptação dos diários da "primeira lésbica moderna**, 16 de maio de 2019. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Series/noticia/2019/05/gentleman-jack-criadora-da-serie-fala-sobre-adaptacao-dos-diarios-da-primeira-lesbica-moderna.html>. Acesso em: 18 set. 2021.

RTS – Royal Television Society, intitulada **How Sally Wainwright brought her heroine to life in Gentleman Jack, maio de 2019**. Disponível em: <https://rts.org.uk/article/how-sally-wainwright-brought-her-heroine-life-gentleman-jack> . Acesso em: 18 set. 2021.

WOODS, Rebecca. **A fascinante vida de Anne Lister, a 'primeira lésbica moderna'**. In: BBCNews, 19 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48260917> . Acesso em: 18 set. 2021.

Sites e blogs

Site do West Yorkshire Archives Services – WYAS. Disponível em: www.wyjs.org.uk . Acesso em: 18 set. 2021.

Site do distrito de Calderdale, Disponível em: <https://www.visitcalderdale.com/> . Acesso em: 18 set. 2021.

Blog do WYAS sobre Anne Lister. Disponível em: <https://wyascatablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/> . Acesso em: 18 set. 2021.



Blog sobre a escalada do Monte Vignemale. Disponível em: <https://www.packedwithpotential.org/stories-articles-writeups/lister-vignemale>. Acesso em: 18 set. 2021.

descreve Anne Choma em seu livro. Situações como essa, de ela se despir, teriam ocorrido antes disso somente com Mariana, que foi a pessoa com quem ela teve a relação amorosa/sexual mais duradoura da sua vida.

73. Sally em artigo publicado pela Royal Television Society – RTS, intitulado *How Sally Wainwright brought her heroine to life in Gentleman Jack*, em maio de 2019. Disponível em: <https://rts.org.uk/article/how-sally-wainwright-brought-her-heroine-life-gentleman-jack> Acesso em: 18 set. 2021.

74. Essa diferença é evidente quando se vê o filme sobre Anne Lister de 2010 que, mesmo com suas qualidades, é muito diferente de *Gentleman Jack* no que se refere à representação da força e potência das personagens femininas protagonistas.

75. Recentemente foi encontrado um volume de diários de Anne Walker – ao que tudo indica, pode ter havido influência de Anne sobre o início dessa escrita, mas poucas informações sobre isso se encontram disponíveis. Embora o protagonismo seja maior para Anne Lister, que dá nome à série, foi Anne Walker quem se superou em um nível considerável para viver essa relação, desde seu início até o fim, considerando a assimetria de condições entre as duas, inclusive de idade, maturidade, personalidade, saúde mental e pressões familiares.

76. Sally Wainwright em reportagem da RTV. *Sophie Rundell joins Suranne Jones in Sally Wainwright drama Gentleman Jack*, em abril de 2018. Disponível em: <https://rts.org.uk/article/sophie-rundell-joins-suranne-jones-sally-wainwright-drama-gentleman-jack>. Acesso em: 18 set. 2021

77. Sally Wainwright, em reportagem da Revista Monet citada anteriormente.

78. O livro de Anne Choma, historiadora consultora da série, aborda essas ‘liberdades poéticas’ da roteirista, contextualizando-as em relação aos diários de Lister. A roteirista, com apoio da historiadora, realizou um longo período de pesquisa nos arquivos de West Yorkshire, trabalhando diretamente com a documentação de Anne Lister para poder fazer o seu trabalho.



79. A série foi recebida com muito entusiasmo pela crítica especializada e também pelo público, ao menos até onde pudemos apurar. As críticas negativas se referem basicamente às tramas paralelas, que ocupam um espaço relativamente grande e, na opinião de alguns, tiram o foco da personagem, fazendo os episódios maiores do que eles precisariam ser – me pergunto se, talvez, essas críticas não sejam justamente de quem esperava uma biografia mais tradicional.

80. E isso é particularmente importante quando se trata de uma personagem lésbica ou gay, cujas representações pré-definidas do que deve ser seu corpo, seus gestos, seus desejos, sua vida encontram-se abundantemente presentes no imaginário das pessoas, de forma, inclusive, caricatural. A roteirista realmente estabelece uma relação de respeito e admiração para com a personagem, e deixa evidente que, de fato, conhece seus diários. E como ela mesma ressalta, a Anne Lister das telas também é parte do trabalho da atriz Suranne Jones, que foi fundamental para que ela pudesse ganhar materialidade, inclusive no roteiro.

81. Sally Wainwright , em reportagem da Revista Monet, citada anteriormente.

82. Lister, depois de ter voltado à Shibden em 1832, dedicou boa parte de seu tempo para remodelar o que considerava antiquado em sua propriedade, incentivada pela moda dos jardins românticos e da requalificação da relação com a natureza característica desse período histórico, criando, inclusive o lago até hoje existente, a partir de uma região de banhado do terreno. Anne amava o estilo medieval e parte das intervenções feitas por ela, inclusive nos elementos de decoração interna, seguem essas referências

83. Diário de Anne Lister, 28 de junho de 1818 [SH:7/ML/E/2]. Disponível em: <https://wyascatablogue.wordpress.com/exhibitions/anne-lister/> **Acesso em: 18 set. 2021**

84. Assim foi com a família Rawson, novos ricos burgueses, cujas roupas excessivamente caras, de seda e paramentadas lembram pavões querendo aparecer; com Marian, que além de possuir menos dinheiro, quase não saía de casa, vivendo em ambiente familiar, roupas menos vistosas e feitas de algodão; Eliza Priestley, cuja personagem representa uma enxerida, que se mete o tempo todo na vida alheia, muito preocupada com as últimas tendências da moda e dos chapéus, etc. – Entrevista com Tom Pye no âmbito do projeto ALBW, mencionado anteriormente.

85. Por mais que ela não se refira a esse motivo com essas palavras, a assunção do preto também representava um distanciamento em relação ao excesso de indumentária, detalhes e apetrechos do vestuário feminino da época, atuando, para além da praticidade, também como marcador de sua diferença. Na série, o preto também é associado ao luto de suas desilusões amoro-



sas, como se pode ver no último capítulo, em sua conversa com a Rainha da Dinamarca.

86. Diários de Anne Lister, citado por Anne Choma (2019).

87. Para Sally Wainwright, é nesse ponto máximo da paixão dessa história de amor que expectador deve ficar ancorado, até a próxima temporada, na qual as duas personagens terão que se haver com a vida concreta de casadas e com as outras tantas dimensões de sua existência como individualidades.

88. Na realidade, os diários de Anne apontam para diferentes dimensões do amor lésbico no período: primeiro, dá carne e osso às pessoas, apresentando uma rede de diferentes mulheres que tinham relações afetivas e/ou sexuais com outras mulheres; depois, nem todas elas poderiam ser consideradas lésbicas – algumas como Lister, Isabela e a Sra. Pickford, que não se envolviam com homens em hipótese alguma; outras como Mariana Lacombe, Anne Walker, Eliza Reine, que eram lésbicas mas poderiam ceder às obrigações estabelecidas pelos papéis sociais de gênero, casando-se com homens; e outras ainda, que não eram lésbicas, mas, talvez mediadas pela amizade romântica, viviam relações com outras mulheres, como Vere Hobart, Maria Below, Miss Brown e tantas outras que aparecem nos diários (essas, na verdade, eram a maior parte das aventuras de Lister). Não se pode dizer, entretanto, que era uma rede organizada, inclusive porque elas não podiam falar disso livremente, nem tampouco que havia uma ‘cultura’ lésbica em formação – não ali em Halifax, e entre as pessoas do círculo de Anne.

89. Esses pontos foram tratados por Sally Wainwright e Suranne Jones na entrevista concedida ao projeto ALBW, mencionado anteriormente.

90. Cabe aqui assinalar a importância dos finais felizes nas produções sobre a comunidade LGBTQIA+, como possibilidade de forjar outras narrativas acerca da sua existência que não aquelas marcadas pela dor, pela perda, pela violência ou solidão afetiva. Embora improvável na vida real e não planejado, o beijo e agenciamento romântico da cena, possuem esse peso simbólico da possibilidade da felicidade. Ele está, entretanto, longe do final feliz dos contos de fada: a última cena da temporada, quando Anne e Ann estão deixando a Igreja, após a cerimônia que inaugura sua vida em comum, é marcada por um diálogo sobre o futuro que mescla humor e alegria, mas deixa entrever, na arrogância de uma e na insegurança de outra, que o desafio de verdade está só começando.

91. Mais informações no site: <http://news.calderdale.gov.uk/the-gentleman-jack-effect/>. Acesso em: 18 set. 2021.

92. Segundo a pesquisadora, “É um alívio que eu não seja a única louca por Lister, e nem as legiões que sentem o mesmo por



Walker. Nossa comunidade precisa de heroínas que definam o padrão para superar o preconceito e viver uma vida fiel à nossa natureza. Como lésbicas e gays, acabamos de ter nossas identidades validadas. Nós nos vimos retratados positivamente para uma mudança”. Artigo de Janet Lea intitulado *A 180 Year Old Woman Stole My Heart*, de março de 2020. Disponível em: <https://glreview.org/a-180-hundred-80-year-old-woman-stole-my-heart/>. Acesso em: 18 set. 2021.

93. Não temos, nem espaço e nem a competência para aprofundar esse ponto, mas é interessante observar que, mesmo excluindo o que cabe ao idioma compartilhado, o público mais mobilizado em torno da série e que mais visita Shibden Hall, depois dos ingleses, são americanos e canadenses – esse perfil parece repetir-se, pelo menos até onde pudemos investigar, em relação a pesquisas acadêmicas sobre tema.

94. Recentemente a BBC e a ScreenHouse lançaram uma campanha convidando as pessoas a contarem como *Gentleman Jack* mudou a sua vida, como base para a realização de documentário sobre os efeitos transformadores da série na existência concreta das pessoas.

95. Outras atividades importantes são organizadas desde 2019: eventos acadêmicos com pesquisadores e entusiastas da obra de Lister, como o *Anne Lister Research Summit*, de edição anual; ciclos de palestras e entrevistas, como o Anne Lister Birthday Week – ALBW, também anual; e eventos diversos, como o *In The Footsteps de Anne Lister – The Blister Sisters’ Ascent of Mt Vignemale*, projeto criado por um grupo de mulheres que pretendem escalar o Monte Vignemale, reproduzindo a façanha de Anne Lister de 1838 (@blister_sister_trekkers). Segundo Janet Lea, no mesmo artigo citado acima, são mais de 10.000 *Lister Sisters* e *Lister Mistery* no mundo, organizadas como coletivos de mulheres, lésbicas ou não, envolvidas em diferentes atividades relacionadas às suas vidas, inspiradas pela série televisiva. Recentemente uma nova faculdade da Universidade de York recebeu o nome de Anne Lister (@uniofyork).

96. São muitos os perfis e contas em redes sociais dedicados à série ou à Anne Lister, como: @gentlemanjackthelass; @listersisterstore; @listerwickpress; @annelistersociety; @annelister_bw; @gentlemanjackbr; @gentlemanjackofficial; @gentleman_jack_fans; @shibdenhall; @lady.creature; @skgway; @wyorksarchives, além de canais do Youtube.

97. Poema de Safo citado por Helena Withbread na abertura do livro *No Priest But Love*.